

**ANÁLISE DO DISCURSO, DA PSICANÁLISE E DA SEMIOLOGIA NA
FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção

**ANÁLISE DO DISCURSO, DA PSICANÁLISE E DA SEMIOLOGIA
NA FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Miriam Nogueira Lourenço

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção

Florianópolis – SC
Outubro - 2000

Miriam Nogueira Lourenço

Análise do Discurso, da Psicanálise e da Semiologia na Formação de uma Consciência Crítica

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração em Mídia e Conhecimento, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Phd.D.
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção

Banca Examinadora:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.
Orientador

Prof. Eugênio Andrés Díaz Merino, Dr.

Prof. Milton Horn Vieira, Dr.

Às minhas filhas: – Rebeca e Raquel, a síntese
dos meus momentos de ausência; a expressão do meu
grande amor.

Agradecimentos

A vida nada mais é do que um grande livro em gênero épico (narrativo). As personagens, as esféricas que põem emoção ao enredo, não podem e não devem estar sob a égide de nenhuma norma que não seja a do sentimento. Assim sendo, agradeço ao meu orientador **Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.**, por ler a minha alma, por acreditar que o sonho e o vôo eram possíveis.

À **prof^a. Tamara Benakouche, Dr^a.**, pela sensibilidade em deixar que eu seguisse meu caminho, por respeitar a minha essência.

Ao **Senhor, Deus e Pai**, pela intervenção, pela demonstração de amor e poder, exigindo e dando condições para a continuidade da minha jornada.

À **minha família: – pais e irmãos** pelo apoio constante. Cada um a seu modo próprio, lindo e possível de ser.

Aos **meus colegas**, presentes da vida, que dividiram e compartilharam sucessos e insucessos.

Às amigas **Cleusa, Márcia, Marina e Mônica** pela divisão dos momentos de angústia na busca do conhecimento.

À **Fepesmig**, pela bolsa que viabilizou a participação neste curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES**.

À **Universidade Federal de Santa Catarina**.

À médica, terapeuta e amiga, **Maria Lúcia Álvares de Azevedo Bähr**, que a “**mim me denunciou**”.

“Se se pode dizer: os textos são como os vinhos de garrafeira, têm datas de colheita, não se hierarquizam entre si segundo a cronologia, nem os mais velhos nem os mais recentes são necessariamente os melhores”.
(Belo, 1993: 89)

Sumário

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	01
1.1 – Justificativa	01
1.2 – Estabelecimento do Problema	02
1.3 – Objetivo geral e específico	02
1.3.1 – Objetivo Geral	02
1.3.2 – Objetivos Específicos	02
1.4 – Hipótese geral e específica	03
1.5 – Metodologia	03
1.6 – Limitações	03
1.7 – Descrição dos capítulos	03
CAPÍTULO II – ANÁLISE DO DISCURSO	05
2.1 – Do discurso ao texto	08
2.2 – Ciências das línguas e dos textos	10
2.3 – Um conceito semiótico de texto	12
2.4 – Sociedade e linguagem	13
2.5 – Psicanálise e linguagem	15
2.6 – Heterogeneidade do texto	17
2.7 – Considerações finais	17
CAPÍTULO III – A DESCONSTRUÇÃO EM FOUCAULT	19
3.1 – As disciplinas	24
3.2 – A formação do indivíduo disciplinar	25
CAPÍTULO IV – COGNIÇÃO DO DISCURSO	29
4.1 – Cognição	29
4.2 – Reflexões sobre linguagem e literatura	32
4.3 – Representações inconscientes no texto literário	35
4.4 – Estética da recepção	36
4.5 – Semiótica literária	37
4.6 – Hermenêutica	39
CAPÍTULO V – A PRÁXIS	41
5.1 – A escolha dos contos	41
5.2 – Circuito Fechado	43
5.2.1 – A Forma	43
5.2.2 – O conteúdo	46
5.2.3 – Considerações finais	51
5.3 – O Riso, a Linguagem e a Psicanálise em: “O Cobrador”, de Rubem Fonseca	53
5.3.1 – O Riso	55
5.3.2 – O Riso na expressão: – Um corte no texto	56
5.3.3 – Para uma análise sócio-semiótica	57
5.3.4 – Psicanálise e linguagem <i>versus</i> a estruturação do texto	59
5.3.5 – A psicanálise <i>versus</i> a personagem protagonista	60
5.3.6 – Denegação e preclusão	62
5.3.7 – Considerações finais	64
5.4 – Para se tecer as malhas do signo em: “Comunicação”, de Garcia de Paiva	65
5.4.1 – Do título – Comunicação – à análise do texto	66
5.4.2 – Sob a égide do discurso, da semiologia, do poder e da punição à análise do texto ..	67
5.4.3 – O Interrogatório <i>versus</i> o Suplício	70
5.4.4 – A Punição <i>versus</i> o Contexto Ideológico	70
5.4.5 – A gradação semiológica da punição e do suplício na alma	72
5.4.6 – Considerações finais: – O controle ideológico <i>versus</i> A semiótica do texto	74
5.5 – Uma reflexão sobre a situação de emparedados a que todos se condicionam no contexto social em: “Botão de Rosa”, de Murilo Rubião	75
5.5.1 – O Realismo Mágico <i>versus</i> O Fantástico	75
5.5.2 – “Botão de Rosa” <i>versus</i> Sujeito da Leitura	80
5.5.3 – Considerações Finais	83
CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	85
6.1 – Conclusões	85
6.2 – Recomendações	87

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
BIBLIOGRAFIA	91
ANEXOS	94
Anexo A - CIRCUITO FECHADO	94
Anexo B - O COBRADOR	99
Anexo C - COMUNICAÇÃO	115
Anexo D - BOTÃO-DE-ROSA	119
Anexo E – APRESENTAÇÃO DO DISCURSO: NÃO-VERBAL versus VERBAL	127

Resumo

LOURENÇO, Miriam Nogueira. **Análise do Discurso, da Psicanálise, da Semiologia na Formação de uma Consciência Crítica**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – UFSC, 2000.

O objetivo principal desta dissertação é demonstrar que pela linguagem o sujeito se constrói e se inscreve na cultura, no social e no político. A linguagem e sua relação intrínseca com a realidade construindo através de textos um hipertexto, ou o que se pode chamar de “grand narrative” da humanidade. A dissertação apresenta subdivisões diretamente ligadas aos elementos construtivos do texto e do sujeito quer individual ou coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso – Linguagem – Cognição – Leitor – Consciência Crítica

Abstract

LOURENÇO, Miriam Nogueira. **Análise do Discurso, da Psicanálise, da Semiologia na Formação de uma Consciência Crítica**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – UFSC, 2000.

The main goal of this dissertation is to demonstrate that it is through language that man is built and inscribed in the cultural, social and political world. Language and its intimacy with reality, constructing through texts a hypertext or, what that could be called mankind's "grand narrative". The dissertation presents subdivisions directly related to the constructive elements of the text and of man as individual or a collective one.

KEY-WORDS: Speech – Language – Cognition – Reader – Critical Conscience

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Como educadora e professora de Literatura Brasileira tenho me angustiado frente ao advento das novas tecnologias, das inerentes transformações culturais a que as mesmas ocasionam.

Entretanto, mesmo sabendo-me em face desta crise de paradigmas desse mundo pós-moderno, acredito que uma consciência crítica nos fará melhores seres humanos, cidadãos e educadores.

Ainda como professora de Literatura Brasileira, e durante anos de experiência, percebo a importância da função social que o educador exerce: e para ser educador é preciso que se seja Leitor. E o Leitor faz a Análise do Discurso, interpreta a performance do mundo que o cerca através da Psicanálise e da Semiologia.

Gostaria de justificar-me melhor através do texto de **Chaves Resende de Lon, (Suplemento do Estado de Minas nº. 41, setembro de 1998)** pois, para mim, ele converge poeticamente o que gostaria de fazer de forma científica:

... "Um livro sobre o ato de ler, o ato de escrever, a escuta, o pensar, a imagem ... a escrita, a impessoalidade da escrita, a oralização do texto, a literatura, os territórios e desterritórios da literatura, a página não-escrita, o não escrevível, o branco, o além do livro, o livro-mundo, o mundo escrito e o mundo não-escrito ... as imposições político-ideológico-institucionais da língua, da literatura, do mercado da literatura ... as mistificações do nosso mundo, o vazio, o contemporâneo, o saber de não saber ... a linguagem, os limites da linguagem ... a palavra, a letra, a língua sem palavras, o silêncio ... a tradução ... as línguas mortas e o que há de vivo nelas, o que há de morto nas línguas vivas, relações narrador/personagem/leitor ... o leitor como lugar de convergência das tramas do romance, a narratividade, o poder narrativo, as diversas formas narrativas orientais e ocidentais, limites ciência/magia/ficção ... "

1.2 Estabelecimento do problema

A Literatura representada por pequenos textos constrói uma aproximação da realidade psico-social formando um hipertexto reflexivo, exigindo, pois, um Leitor atento e crítico: um leitor com capacidade analítica?

1.3 Objetivo geral e específico

1.3.1 Objetivo Geral

Formar melhores leitores e educadores deste mundo pós-moderno carente de paradigmas.

1.3.2 – Objetivos Específicos

- Inserir e construir o sujeito através da linguagem, na cultura, no social e no político.
- Relacionar a linguagem com a realidade construída através de textos que se transformam em um hipertexto desse mundo globalizado.
- Buscar um Educador-Leitor: Leitor capaz de interpretar melhor a performance do mundo através do Discurso e da Consciência Crítica advinda da práxis.

1.4 Hipótese geral e específica

A Literatura representada por pequenos textos é capaz de proporcionar uma visão da realidade psico-social do homem contextualizado.

O discurso traz em seu bojo a expressão da cultura por ser culturalmente construído.

1.5 Metodologia

A primeira etapa consiste na escolha dos textos. A opção por contos tem o objetivo de buscar micro-textos com formas e conteúdos capazes de formar um hipertexto passível de uma análise sócio-psico-filosófico-político e literária.

A segunda etapa compreende o levantamento dos subsídios teóricos pertinentes às análises.

A terceira etapa consiste na aplicação desses subsídios nos textos escolhidos buscando-se uma verticalidade interpretativa.

Na quarta etapa deste trabalho são tecidas as considerações das análises.

1.6 Limitações

Por mais universalizante que a Literatura seja, cada cultura possui especificidades próprias.

1.7 Descrição dos capítulos

A estrutura da presente dissertação é a seguinte:

No Capítulo I – Introdução, tem-se a Justificativa, o Estabelecimento do Problema, os Objetivos, as Hipóteses e as Limitações. No Capítulo II, é apresentada uma análise do discurso sob os aspectos histórico-semiológico-social e psicanalítico. No Capítulo III, é apresentado o suporte teórico da Desconstrução em Foucault. No Capítulo IV, é apresentada uma análise de como se processa a Cognição. No Capítulo V, apresenta-se a práxis desde a escolha dos contos: “Circuito Fechado” – Ricardo Ramos, “O Cobrador” – Rubem Fonseca, “Comunicação” – Garcia de Paiva, “Botão de Rosa” – Murilo Rubião; até as análises e considerações finais. No Capítulo VI apresentam-se as Conclusões e Recomendações.

CAPÍTULO II ANÁLISE DO DISCURSO

*“O homem, animal político (social) (...)
homem, único dos animais que tem discurso
(linguagem).”*

(ARISTÓTELES, 1253a)

Neste capítulo são apresentados alguns conceitos sob a ótica filosófica dos aspectos histórico-semiológico-social e psicanalítico, que compõem o discurso.

É pela linguagem que o sujeito se constrói e se inscreve na cultura, no social e no político. O texto que reescreve o vivido, ficcionalizando-o, pode subverter não só os padrões da língua oficial, como produzir uma escrita que põe em questão os valores estratificados do senso comum.

Não se pode escrever nem ler apenas linearmente, porque ler é cruzar textos. A intertextualidade é irreduzível, nenhum começo é seguro de si, nem nenhuma conclusão porque resultam sempre de estratégias.

“Há apenas dis-cursos (cursos que derivam) não percursos (cursos acabados, perfeitos).” (BELO: 1993, 10)

Há um paradoxo no que se chama filosofia da linguagem, na relação entre filosofia e linguagem, pois qualquer texto filosófico fala da linguagem, do pensamento, do conhecimento e da realidade.

A proliferação contemporânea do termo e do tema da linguagem, em campos muito diversos do saber e da tecnologia, é como que o desabar dessa barragem que, durante tantos séculos, conteve a linguagem no estatuto do implícito.

Todavia, desde os gregos, cuja filosofia foi essencialmente uma filosofia de logos, que deve ser traduzida por discurso, e nele incluindo também frase ou proposição, considerado o menor de todos os discursos, mais ainda o argumento, o resumo, a definição, isto é, a razão; aparece o termo *dianoia* traduzido por

‘pensamento’, e dizendo explicitamente que “*pensamento e discurso são a mesma coisa, salvo que o discurso interior que a alma tem consigo mesma recebeu o nome especial de pensamento*”. (BELO, 1993: 13)

Para os gregos, é necessário que se estabeleça a natureza do discurso, a sua posição entre a classe dos seres, o que o torna capaz de ser verdadeiro ou falso. No entanto, o discurso sempre escapa a diferentes redes classificatórias, revelando-se um fantasma que parece coisas diferentes, se dissimula e foge a uma clara definição. O insucesso deve-se à consideração da natureza das imagens que não são coisas que verdadeiramente existem, mas que existem de uma certa maneira, e que se parecem, verdadeiramente ou não, com as coisas que são. Elas podem enganar, pois enlaçam o ser e o não ser.

E assim se elucida a natureza do discurso, como a das imagens: – a de poderem misturar o que é e o que não é, ou seja, o que não há de se misturar. Daí o registro de que há discursos verdadeiros e discursos falsos. Pode-se então perguntar: – “em que é que consiste o erro?” E a resposta se encontra no fato de a palavra ou o signo não coincidir com o que se nomeia por incidências filosóficas, lógicas, gramaticais ou lingüísticas, ou seja, o convencionalismo da linguagem. “*Mas a problematização dos nomes e das coisas é já, em perspectiva heideggeriana, delimitar os entes, e defini-los em termos do seu ser*” (BELO, 1993: 15)

O signo estará então subordinado essencialmente ao pensamento, ao conhecimento da realidade, que são universais, como universal será a razão do sujeito.

A representação alojar-se-á na linguagem através do signo e será a figura ideal, isto é, desfigurada, representando a universalidade através de cada cultura. Seria, segundo Heidegger (1962), o restabelecimento duma filosofia do discurso, do logos,

em retorno aos gregos. É o Dasein¹ onde se põe, essencialmente, não a questão do ser, mas a questão do sentido do (seu) ser, isto é, do sentido do discurso do ser.

Conclui-se portanto que o pensamento heideggeriano será essencialmente hermenêutico, leitura de textos a interpretar nos seus não-ditos, nos seus esquecimentos, no seu impensado que lhes deu pensar, busca constante de interpretações de termos, chave da filosofia da própria língua.

A linguagem é então convenção, expressão exteriorizante como atividade do homem, como representação do real e do irreal.

O Dasein é a ordem hermenêutica, isto é, entre os sentidos unívocos das definições, as polissemias poéticas do pensamento que, justamente resistem à tradução, que através de um trabalho de análise, terá os sentidos hierarquizados como originários ou derivados explicando a história do ser.

A palavra é o que apela a coisa² a vir à presença no discurso. Ela faz com que o ente venha a ser o seu discurso. Mas só o pode fazer porque a linguagem é também o que escuta a voz do ser, o seu apelo a ser escutado e dito. Enquanto casa do ser, deixa ser. Deixa o ente vir à presença.

É ainda, através de um trabalho de análise que em uma relação mútua entre discurso e ser, que tem a ver com a doação que a palavra dá do ser ao ente; que o poeta e o pensador acolhem e recolhem e colocam em discurso.

Através da hermenêutica, na maneira de caminhar, de meditar de Heidegger, algo se liga à situação atual do pensador e que também tem a ver com a tradição que

¹ Dasein, queatão hermenêutica heideggeriana que compõe a analítica do “ser aí”.

² Segundo Belo (1993: 14), “pelo texto platônico da questão dos nomes, e já não do discurso. Ao que o nome está relacionado diretamente com a coisa que ele nomeia. O nome que, transversalmente atravessa o discurso abrindo-se ao futuro conceito de signo”.

ele recebeu e que o pôs no caminho do discurso; que o faz pensar no discurso e na historicidade.

2.1 Do discurso ao texto

Segunda Spina (1995) desde os gregos se alguma coisa caracteriza a linguagem é justamente a sua relação intrínseca ao que chamamos realidade. Mas o termo discurso, que hoje freqüentemente se utiliza como equivalente ao de texto, tem na linguagem corrente uma conotação de oralidade que o opõe ao texto como escrito.

A demarcação da diferença entre discurso e texto, segundo a ordem hermenêutica, remete-nos à diferença entre o que o autor e o leitor apreendem do sentido do texto.

É o que o texto faz: – o transbordamento da consciência discursiva ou a escuta da voz, isto é, o pensamento.

O texto é um trabalho, uma inscrição, num sentido mais geral e abrangente do que o que está escrito numa página.

Segundo BELO (1993) observou, as regras lingüísticas, semióticas e pragmáticas que trabalham no texto, como condição da sua legibilidade, não podem ser consideradas quando se escreve, ainda que se seja um lingüista. A paixão maior ou menor, que esta escrita transporta os saberes adquiridos ao longo do tempo de vida do escritor, a cultura da língua em que escreve e que nela se inscrevem, escapam à consciência de quem escreve. Escapariam, ainda que o escritor se colocasse em situação de psicanálise face à esse texto, ligados que estão à teoria freudiana de inconsciente, de recalçamento.

A maneira como a sociedade, sua contemporânea, em seus códigos, em suas instituições, em sua tradição multi-secular, trabalha o texto também escapa à sua consciência.

Segundo BELO (1993), o tema do texto é indefinido, quer se trate do que chamamos linguagem, quer do que consideramos como relevante a ordens prévias a ela. É aqui que se instaura a questão das oposições ou separações a que a tradição filosófica e científica coloca como condição histórica da viabilidade do texto.

Não se trata de negar que haja diferenças entre texto e realidade. Pelo contrário, a proposta é diferenciá-los sempre, e sempre mais, com uma quase mania do detalhe; uma quase obsessão.

É a diferença que trabalha. Trata-se antes, de ver do que opor, separar, hierarquizar, excluir um termo da oposição, para fundar o discurso no outro. É sempre apagar diferenças, forçar violentamente textos e a realidade.

Conforme BELO (1993) observou, as ciências lingüísticas saussurianas, a pragmática de Austin, certos textos literários de vanguarda, a psicanálise, questões antropológicas e até biológicas são tão inerentes aos textos de grandes filósofos, de Platão e Aristóteles a Hegel, Husserl e Heidegger.

O sentido do texto se encontra explicitado na relação do trabalho de leitura de outro(s) texto(s) de uma forma que, não se permite decidir nunca entre o que é que vem desse(s) outro(s) texto(s) e o que dele vem. Diria-se mesmo que, o que faz a força da análise é justamente este recolher de força de outro(s) texto(s) para, desconstruindo-o(s), como se diz, a relançar no futuro.

2.2 Ciências das Línguas e dos Textos

Segundo Belo (1993), qualquer língua é a língua de uma comunidade antropológica, é um dos seus mais importantes dispositivos de reprodução, dispositivo significando o sistema, mais ou menos complexo, das regras que se jogam nos textos dessa comunidade. Nesses textos se marcam os usos da comunidade, as suas outras regras de reprodução, quer se trate dos mitos e rituais sagrados, quer dos saberes e saber-fazeres relativos às várias funções sociais, as suas instituições. Os textos fazem-se, dizem-se, escrevem-se, a partir uns dos outros, em intertextos. O que lhes é específico é que os vários actantes da comunidade, dentro dos limites das suas competências e especializações, se entendem entre si de forma suficiente, quer porque sabedores, de fato, das regras do intertexto, quer porque sabedores dos outros usos sociais.

As ciências das línguas têm por objetivo o conhecimento das regras desses sistemas textuais. Há uma pluralidade de enfoques neste tema devido a existência de mais de um milhar de línguas de diferentes comunidades humanas; algumas já extintas, línguas mortas que nos ficaram como documentos.

“Num texto teórico, se se pode falar de dados (...), para a lingüística, esses dados são o texto na sua totalidade não analisada. O único procedimento possível para desprender o sistema que subentende esse texto é uma análise que considere o texto como uma classe segmentável cujas partes são por sua vez consideradas como classes segmentáveis, e assim em seguida até a exaustão das possibilidades de análise. São pois os textos que são o ponto de partida das ciências das línguas.”
(HJELMSLEV, in BELO, 1993: 22)

“(...) ocupam-se das marcas lingüísticas e textuais, da relação dos textos à realidade de que falam e aos que os dizem/escrevem e ouvem/lêem.”
(BENVENISTE, in BELO, 1993: 23)

Ainda conforme Belo (1993), para vários lingüistas, o intertexto é a correlação dos textos uns aos outros numa dada comunidade e com outras que tenham relação com ela.

Cada texto constrói a sua sintaxe e correlativa semântica. Cada texto não pode deixar de ser heterogêneo, os conflitos dos maiores ou menores se apresentam em suas diversas fontes textuais. Também assim a nossa memória, palimpsesto dos textos que ouvimos, lemos, dizemos e escrevemos ao longo do nosso percurso, que esquecemos; mas se marcam em nós.

Como observa Belo (1993), o intertexto de uma comunidade existe sempre, desde antes do nascimento de cada um dos seus actantes, que nele se inscreve, é inscrita a gramática de enunciação de cada língua consistindo nas marcas como: – eu, tu, aqui, agora, presente dos verbos, que permitem a cada locutor ou destinador identificar-se lingüisticamente, e aos seus destinatários circunstanciais de enunciação. Ao diferente correspondem os temas do axioma de pertinência e da capacidade de dissimulação, bem como os temas do pulsional e do recalçamento. Que o referente seja inerente ao texto implica que os saberes (conhecimento, pensamento e ainda, o emotivo, o afetivo e outras subjetividades tradicionais) sejam textuais, inscritos no palimpsesto da memória, saberes da realidade que a escola e os mass-media modernos desmultiplicam indefinidamente.

2.3 Um conceito semiótico de texto

Segundo BELO (1993), para Benveniste, o texto em perspectiva semiótica possui três tipos fundamentais de textualidade: – o discursivo, o narrativo e o gnosiológico. O discursivo, sendo reenviado segundo a gramática de enunciação; o narrativo, que pode ser caracterizado pela sua constelação de actantes, e o gnosiológico, pela sua constelação de conceitos.

BELO (1993) considera, ainda, Roland Barthes como admirável autor para análises semiológicas. Coloca a *Semiótica e as Ciências Sociais* de Greimas (1989), como as regras para leituras que se querem rigorosas epistemologicamente e maleáveis metodologicamente, necessitando da astúcia do leitor. O leitor que capte o contexto textual, que saiba intuitivamente que um texto não é uma sucessão aleatória de frases, mas que possui repetições e/ou regras textuais que ligam as frases entre si.

Retorna-se então, segundo BELO (1993), a todo o trabalho de Derrida, que se chama desconstrução. Este trabalho consiste justamente em mostrar como o excluído continua a jogar pela calada, no interior do texto. Tal fato determina insistentes marcas dos gestos de de-finição e decisão.

A força desta clausura epistêmica vem das instituições de que os corpus são o discurso. Instituições de poder, que delimitam certas práticas de forma imperativa e interdita outras, que seriam transgressivas da sua ordem. Poder e saber articulam-se. “(...) percebe-se que a desconstrução não é uma ‘filosofia’, de um Heidegger, de um Freud, de um Derrida, mas um movimento institucional da civilização ocidental”. (BELO, 1993: 28)

2.4 Sociedade e linguagem

As mesmas palavras podem aparecer em contextos diferentes e os seus sentidos variando, pois, as línguas são polissêmicas.

Conforme Chomsky (1980), o objeto de uma ciência semântica é justamente o sistema de normas que rege a sintaxe de acordo com a língua cujas normas são imanentes e em sintonia com a comunidade.

Os corpus institucionais jogam o seu peso de lei na sintaxe. A língua de uma sociedade conta acontecimentos passados (narrativos), permite inscrever os seus agentes nos textos por uma gramática de enunciação (discursivos), faz textos mais ou menos extensos explicitando o sentido de narrativos ou discursivos (gnosiológicos). Qualquer língua tem pois mais do que uma língua, tem corpus diferentes a que correspondem sintaxes textuais e frasais diferentes.

A inflação da linguagem das sociedades contemporâneas é correlativa à enorme complexificação e diferenciação de corpus-instituições. Os discursos sendo transbordados, se dizer se pode, pelo jogo intertextual, que imagens e sonoridades vêm complexificar ainda mais.

Esse transbordo do intertexto nos discursos e práticas usuais, na identidade e consciência, nos saberes, é acentuado pela internalização da civilização contemporânea, tecnologias de comunicação e outras que de todos os lados invadem as sociedades tradicionais de nações, pelas facilidades de transporte e velocidade adquirida na vida cotidiana. Inevitavelmente, uma língua, a inglesa, é uma cultura, tecnológica e de massas. Tende a impor-se como condição estrutural do viver social.

Inevitavelmente também, as velhas tradições de línguas e de usos culturais, resistem a essa homogeneização, promovendo diferenças, heterogeneidades. As

ciências das línguas e dos textos são parte preciosa desta conjuntura. Não se pode ficar alheio a essa realidade, nem abandonar o filósofo em suas dificuldades epistemológicas.

Se a linguagem é pois feita de textos; ora, cada texto é produzido por uma dada sociedade que lhe serve de contexto em geral, e a sua leitura, pressupõe o conhecimento desse contexto. Portanto, só há sociedade humana quando dois grandes problemas estão resolvidos: – o da sua reprodução cotidiana e o da sua reprodução de geração em geração.

Certas tarefas mais globais, como a arbitragem dos conflitos, a defesa do território e da população ou outras tarefas coletivas necessitam de uma outra instância. Quer a defesa, face às ameaças estrangeiras, quer a arbitragem de conflitos, implicam a demarcação duma instância de poder político. É esse quadro de mimesis, ou quadro epistêmico, que garante a reprodução da ordem social: sendo da ordem do textual, presta-se a ser analisado com critérios semióticos, embora sem se poder isolar dos textos em que se o analisa; por outro lado, um tal textual tem efeitos nos dizeres e fazeres sociais.

Dentro desse contexto, cada humano é irredutivelmente social e singular, sem que se possa isolar ou separar estas duas dimensões, que intervêm fortemente e essencialmente nas práticas sociais. No entanto, em grande parte da linguagem o jogo de discursos adentro do sistema de actantes é marcado, delimitado, forçado, distorcido, deslocado, pelo quadro epistêmico, que tem pois um papel estruturante de-cisivo e de-finitório, quer do social, quer de cada humano.

Os quadros epistêmicos, as culturas, não podem ser comparadas entre si. São fenômenos que tornam os humanos radicalmente estrangeiros entre si, sem comunicação, outros.

Na medida em que houver esforço paciente de tradução, de interpretação, pode-se perceber que o elemento estruturante de uns e outros, como animais da mesma espécie, que sobrevivem social e culturalmente (animal político com logos), é em grande parte, o mesmo. O Mesmo e o Outro, os mesmos e os outros.

Acrescente-se o fato da civilização tecnológica ter multiplicado os enxertos de dispositivos e instituições. Entre elas os usos estrangeiros que se propagam, as línguas, mormente a inglesa que tornou-se a língua internacional.

Os problemas de cosmopolitismo urbano e internacional, de casamentos mistos, de resistências étnicas à tecnológica universalizante.

A questão da sobrevivência das várias culturas e línguas em seus quadros epistêmicos, a resistência à uniformização do planeta tornou-se um dos problemas sociais e políticos mais urgentes, a par dos da fome e desenvolvimento do Terceiro Mundo.

2.5 Psicanálise e linguagem

A psicanálise é considerada uma ‘ciência’ da linguagem.

É o fantasma do Eu, a que ninguém escapa. Tal fantasma releva de uma ilusão que é constitutiva dos seres humanos e se mostra como um obstáculo epistemológico tremendo.

A razão, o que é? – É o que, epistemicamente enquadrado em regras de línguas e de textos e respectivos usos antropológicos, em palavras, conceitos e argumentos, se organizam em discurso.

A linguagem é apenas parte do objeto da neurobiologia, como também das ciências da sociedade, enquanto que a psicanálise, juntamente com a lingüística, a pragmática e a semiótica, é uma ciência da linguagem.

Sob a ótica da psicanálise, qualquer texto tem marcas e/ou sintomas a se decifrar, a interpretar.

No corpus da teoria psicanalítica, podem-se distinguir certos domínios, embora todos se relacionem com os textos ou discursos. Há a predominância do material oral de pacientes, privilegiados pela interpretação psicanalítica, a partir dos quais ela se instituiu e se desenvolveu.

Conforme Freud (1974) esses textos são ditos texto manifesto que através de associações livres de idéias dos que os dizem ao psicanalista, a quem nada deve ser dissimulado, nem nada do que vier à cabeça ser criticado, formam um outro texto, dito latente, detectado pelo psicanalista e que é composto por um complexo de associações que se vão tecendo com maiores ou menores resistências do paciente.

A interpretação de cada texto faz-se primeiro por tentativas guiadas pelas repetições que vão aparecendo nas ligações entre elementos vários do texto latente. É a economia interpretativa que como em qualquer ciência é a norma.

Ora, esta grelha interpretativa, em função das preocupações freudianas, científicas e terapêuticas, tenderá rapidamente a ser colocada como um universal dos fenômenos do psiquismo humano, qualquer que seja a antropologia e cultura respectiva em que este seja forjado. Neste desenvolvimento, se situa a abertura da interpretação a um novo campo de textos, de caráter cultural e social.

Segundo BELO (1993), deve-se acrescentar, na importância deste texto que em *La Carte Postale*, Derrida aproxima Freud de Heidegger, diferentes e próximos.

Poder-se-ia também, apontar a abordagem lacaniana de deslocamento e condensação que seria a chamada metáfora poética tão importante para as análises literárias.

É este quadro epistêmico que se altera, mais ou menos, ao longo dos percursos de diferentes sistemas de actantes, que pode ser questionado de forma dolorosa, angustiante, em certas situações de amor e/ou conflito, demandando terapia, ou seja, é o lugar da metamorfose, sempre parcial, da identidade do ser. *“Os outros só me ameaçam porque sou desde sempre habitado por outros e a partir daí minha identidade se fez.”* (BELO, 1993: 81)

2.6 A heterogeneidade do texto

A heterogeneidade do texto está no fato de que ninguém controla completamente o texto que escreve, sabe apenas do seu discurso, pelo qual responde. Mas outros poderão ler nesse texto coisas que ele não soube. *“(...) é que ninguém escreve sem ler, sem muito ter lido e esquecido, e os ‘autores’ desses textos, citados com aspas ou não, também escrevem o ‘meu’ texto”.* (BELO, 1993: 89)

2.7 Considerações finais

O discurso enquanto ciência semântica, está ligado às normas que regem a sintaxe da língua. Essas são imanentes e estão em sintonia com a comunidade. Os textos encontram-se em sintonia com o contexto social. Dessa forma, a leitura se liga

a um quadro de *mimesis*, ou seja, um quadro epistêmico ligado à reprodução da ordem social e textual. Quadro esse, que presta-se a ser analisado sob critérios semióticos.

Essa conclusão encontra-se em sintonia com o pensamento de Belo:

“Res-pondo pois pelo meu discurso, mas é o intertexto que, além da minha consciência, responde pelo texto, (...).

Este jogo – é um tema quase obsessivo de Derrida – descarta-me de mim, da minha identidade a mim, impede a ‘propriedade’ ou ‘autoria’ ou ‘domínio do texto’. Impede que ‘eu’ coincida comigo, seja ‘presente’ a mim mesmo, que a consciência seja um dado imediato, uma experiência pura, mas derivada em relação ao jogo das inscrições, das marcas que me fazem (biologicamente, psiquicamente, socialmente) (...).

Há sempre mais do que um texto em cada texto, mais do que um actante em cada actante, mais do que uma instituição (ou família) em cada instituição (ou família), mais do que um organismo em cada organismo; mas há sempre também organismos em cada texto e cada instituição, como há sempre textos em cada organismo humano e em cada instituição. São os ‘nós’, se dizer se pode, nós cegos, indissociáveis”.
(1993: 89-90)

CAPÍTULO III A DESCONSTRUÇÃO EM FOUCAULT

Dada a importância de instrumentais teóricos para a análise textual, o presente capítulo contém um estudo filosófico-histórico-político e social através de Foucault.

Segundo Foucault (1990), o comportamento humano é função de uma cultura antes de ser uma singularidade biológica ou pessoal, pois o ser humano só pode existir no interior de sistemas lingüísticos. Isto pressupõe uma conversão profunda dos suportes biofisiológicos. Uma cultura ou sociedade humana é um sistema complexo de produção que utiliza meios semióticos e virtuais (sistemas lingüísticos e psíquicos) para agir sobre forças naturais. Este processo produtivo que caracteriza uma cultura humana produz tanto a objetividade quanto a subjetividade, isto é, as formas materiais e as formas psicovirtuais de realidade. No interior de uma cultura, aquilo que se tem por realidade objetiva é o produto da atividade sócio-cultural que conecta e ativa forças e matérias naturais, meios de produção, signos da linguagem e agentes produtivos, num processo de produção que é sua objetividade, ou exteriorização relativa. Este processo de culturalização das forças naturais através da criação da Linguagem e do Pensamento, concomitante ao desenvolvimento da organização produtiva, foi descrito de formas muito diferentes entre si, em inúmeras obras e pesquisas, em especial na Filosofia e nas Ciências Humanas.

A relatividade da objetividade, o questionamento do postulado fundamental da Ciência, bem como a relatividade da Verdade, é o tema principal da Epistemologia da Ciência do século XX. Em *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault (1990) mostra as variações dos sistemas cognitivos, científicos e

filosóficos, desde a Renascença até o século XIX. Não somente os meios e métodos cognitivos variam, mas também a própria forma de seleção e percepção dos fenômenos e da problemática causal e interpretativa se modifica. Estas modificações dependem essencialmente de sistemas semióticos que estão intrinsecamente ligados aos meios de produção social. Karl Popper (1975), em sua obra *O Conhecimento Objetivo*, e outros epistemólogos da Ciência demonstram a dependência da verdade científica aos sistemas lógicos, semióticos e técnicos com os quais se opera na construção do “conhecimento objetivo”. Thomas Khun (1977) mostra a dependência da verdade científica, ou sua objetividade, aos paradigmas que dominam a racionalidade científica em um dado estágio de desenvolvimento. Ao mudarem os paradigmas é a própria noção de real que muda. A Verdade é sempre uma aproximação assintótica, infinita, de um objeto que por definição é inatingível em si mesmo, pois que depende da rede semiótica no qual é tornado *objeto de conhecimento*. As teorias se suplantam continuamente, mas sua aproximação com a Verdade Absoluta do *objeto* permanece estática e temporária. Gaston Bachelard (1983), em *Epistemologia*, diz que nas Ciências Naturais do século XX há uma introdução cada vez maior de um racionalismo kantiano contra um empirismo primário do positivismo atomístico e mecanicista do século XIX. Este empirismo acreditava na possibilidade de atingir a *coisa em si*, não fazendo a crítica dos meios lógicos, semióticos e técnicos do conhecimento científico. O racionalismo kantiano, que nega a possibilidade de atingir a *coisa em si mesma*, acompanha o relativismo cognitivo da ciência atual. Este é um dos fatos que explicam a vocação interdisciplinar do conhecimento contemporâneo.

Segundo Foucault (1990), por sua vez, a filosofia moderna, em especial em Marx e Nietzsche, desde o século XIX, vem fazendo a crítica da *objetividade*

científica. É que a Ciência, enquanto dominada pelo empirismo mecanicista, não faz a análise da história social dos objetos de conhecimento e nem da linguagem, da lógica de interpretação e da forma de seleção dos fenômenos e de seus componentes. A Ciência começa por esquecer as camadas de significações sociais e etnocêntricas baseadas não em sistemas de fatos, mas sim, em sistemas de valores que geram fatos culturais e que são tomados pelo *sensu comum*, ao qual a ciência permanece ligada, como fatos naturais e universais. Esta ilusão de uma objetividade em si mesma, para além das coordenadas espaço-temporais, ou geográfico-históricas, está presente nas concepções que a psiquiatria e a psicologia fizeram das disfunções comportamentais.

As “disfunções mentais” e os “desvios comportamentais”, nas análises epistemológicas e interdisciplinares de Foucault aparecem como essencialmente ligadas aos processos de produção das realidades sócio-culturais. Nestas análises aparece a complexidade do tema da doença mental que não é de nenhum modo exclusivamente de ordem médica e psicológica, mas, atravessa campos muito heterogêneos do Saber, como a sociologia, a epistemologia, a filosofia política, a história, a economia, etc.

Toda sociedade é uma unidade produtiva onde todos os setores sociais interagem entre si e se confirmam. É certo que nas sociedades de Estado, cuja característica é a estratificação social e a apropriação do excedente produtivo pelos estratos dominantes, esta unidade se acha colocada em questão. Porém, a organização produtiva é ainda mais complexa e extensiva e tende a integrar de uma forma mais rigorosa todos os acontecimentos sociais. Assim não há realidade individual que não seja antes realidade social e o social se define pela organização do trabalho. Nas sociedades modernas a organização do trabalho atinge um limiar

técnico e científico que organiza e planeja, de forma técnica e sistemática, não somente as relações produtivas em si mesmas, mas também organiza a família, o sistema pedagógico e o sistema ético e político. Nos séculos XVII e XVIII inicia-se uma prática e uma pedagogia sociais que visam organizar a sociedade inteira em função do sistema de produção (Foucault, 1987). Max Weber (1967) mostrou o quanto a ideologia protestante da Reforma se moldava segundo a organização moderna do trabalho que nesta época, século XVII, se iniciava. Da mesma forma, a ideologia da Contra-Reforma, semelhante, em pontos essenciais àquela da Reforma, procurava servir ao novo sistema produtivo. Assim, nas sociedades modernas, cujo aparelho produtivo parece somente obedecer às leis da acumulação do trabalho material, a própria religião se integra diretamente ao aparelho produtivo, pois é um axioma ético do protestantismo tanto quanto do catolicismo pós-renascentista, que a riqueza é fruto do trabalho e indica uma eleição divina, sendo a pobreza ou a miséria o inverso.

Na obra *O Anti-Édipo*, Gilles Deleuze (1976) faz-se a teoria das disfunções mentais em relação ao sistema de produção. Com o desenvolvimento de técnicas e ciências especializadas numa maximização da produtividade, com a preparação do indivíduo desde sua fase familiar até sua inserção no aparelho produtivo, com a criação de uma moral e uma pedagogia destinadas exclusivamente a tornar o indivíduo um agente de produção, se produz também efeitos colaterais de desadaptação ou resistência à ideologia produtiva. Desse modo a ontogênese individual é inseparável das determinações do sistema produtivo e as leituras das disfunções mentais não podem ser feitas em termos de evolução biológica ou de história individual, já que as relações produtivas se sobrepõem a elas e as determinam.

Karl Marx (1985) descreve a história humana em função da exploração e da acumulação do sobre-trabalho (mais-valia). Mas esta acumulação/exploração não existia nas comunidades “primitivas”, ou sociedades sem Estado. Estas comunidades procuram consumir o excedente produtivo para que não aconteçam que determinadas forças ou facções sociais, ao se apropriarem do excedente, desviem sua ordem econômica. Contudo, esta ordem é violentamente rompida e surgem as economias próprias das sociedades estratificadas, onde um estrato particular escraviza populações inteiras e as obriga à tarefa de produção do excedente. No final da Idade Média, com a queda progressiva e acelerada das formações sociais aristocráticas e feudais, surge, nos horizontes da cultura ocidental, uma “massa” virtualmente desterritorializada, isto é, livre dos códigos, signos e meios de produção que a mantêm presa no interior da ideologia e do modo de produção teológico/feudal. Por outro lado, uma grande quantidade de capital é produzida e acumulada nas mãos de uma burguesia comercial, a partir do comércio marítimo. A junção, na indústria, desse capital com essas populações de homens livres instaura a produção em série de mercadorias - multiplicando a produção do capital ao se produzir enormes quantidades de sobre-trabalho.

A criação do mercado de trabalho transforma o homem em mercadoria. Este fato, aliado à apropriação do excedente por um estrato dominante que não se confunde com os agentes produtivos, induz um sentimento de despersonalização ou perda da essência humana. A este fenômeno Marx denomina a forma da *alienação* moderna.

Marx (1985) descreve o fenômeno da alienação como a experiência do agente produtivo quando o produto de seu trabalho volta-se contra ele próprio, comandando-o à sua revelia. Desconhecendo a causalidade histórico-social que determina seu

destino, o agente social produtivo, o homem, passa a tomar o estado de coisas opressivo como o resultado de uma decisão divina ou de uma determinação natural.

3.1 As disciplinas

Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) descreve as técnicas de produção e controle introduzidas na produção social a partir do século XVII (século da criação do Internamento). A estas técnicas Foucault denomina: As Disciplinas.

As disciplinas constituem um corpus de informações e técnicas que analisam e esquematizam formas de distribuição e conexão dos agentes e dos meios de produção em todas as instituições de produção e de repressão sociais (exércitos, fábricas, escolas, prisões, etc.). Essa distribuição e conexão combina-se a uma análise que compõe e recompõe, sob uma nova forma, os esquemas sensório-motores do corpo em função de uma eficácia máxima dos objetivos produtivos ou repressivos a serem atingidos. O sonho do Homem-Máquina que se inicia no século XVII, tem um registro anátomo-metafísico nas descrições cartesianas da mecânica corporal e um outro registro técnico-político que forma um vasto conjunto de regulamentos e fórmulas para o adestramento mecânico do corpo. As disciplinas compõem técnicas de dominação (uma tecnologia de poder) que visam o corpo humano (formando assim um anátomo-poder) em função do aumento de sua utilidade e produtividade por um lado e, por outro, uma diminuição de sua potência e de sua energia política. A um aumento da utilidade e da produtividade do corpo deve corresponder um aumento da docilidade e da obediência. Eis o axioma fundamental que dará origem ao modo de produção moderno. Trata-se de um trabalho detalhado sobre os movimentos e os gestos objetivando um controle infinitesimal das operações

corporais. Com os esquemas e fórmulas disciplinares se produz em série agentes sociais de produção que dependem de singularidades naturais e constituem raridade. Para Foucault (1982), assim como Marx descobre a relação de exploração fundada na separação da Força (agentes produtivos) e do Produto do Trabalho, Foucault descobre o tipo de dominação correspondente que se passa ao nível da articulação dos corpos ao aparelho produtivo.

Além do adestramento comportamental dos corpos dos agentes produtivos específicos nas instituições fechadas, as táticas e estratégias disciplinares visam também o controle total do espaço social e de populações inteiras. É o outro pólo do poder disciplinar, adestrar as populações e induzir comportamentos desejáveis de massa, formando um bio-poder ou um “gerenciamento da vida”. Foucault falará a propósito do poder disciplinar, de uma microfísica do poder que durante muito tempo esteve oculta. Ainda, segundo Foucault (1982), é nesta microfísica do poder que está a origem das Ciências Humanas modernas, pois esta forma de dominação necessita de um conhecimento profundo da vida comportamental das populações e dos indivíduos para poder produzir as formas de comportamento e de desvio controláveis e desejáveis pelo sistema. O processo disciplinar se desenvolverá cada vez mais em duas frentes; 1) disciplinarização das instituições e do campo social, 2) formação dos campos de saberes associados aos fenômenos sociais e humanos.

3.2 A formação do indivíduo disciplinar

Na obra *Vigiar e Punir* de Foucault (1987), o indivíduo desintegrado de seu modo de ser “natural” e remodelado pelas disciplinas, tem por característica um isolamento radical no seu modo de ser. Possui uma consciência fragmentada que só

pode compreender o setor de produção em que atua, comunicando-se com o restante somente através dos signos de uma ordem anônima e abstrata. Para a produção de tal individualidade ou subjetividade é necessário, em primeiro lugar, uma arte das distribuições que faz com que cada indivíduo esteja no seu lugar. Há uma quadriculação permanente do espaço institucional e coletivo que identifica um elemento a uma dada posição. Esta posição não é somente técnica, mas também moral e política. O espaço disciplinar é traçado de tal forma a não permitir nenhum gasto “inútil” de tempo e energia e também para impedir qualquer “desvio moral” ou revolta política. A arte das distribuições espaciais é tal que cada indivíduo está fisicamente e psiquicamente, numa espécie de cela ideal ou virtual.

O controle das atividades, através de uma análise minuciosa do tempo, produz uma segunda característica da individualidade disciplinar. O tempo é subdividido em quantas unidades forem necessárias para a produção de tarefas sucessivas. Esta subdivisão temporal tem por função automatizar o organismo segundo uma ordem canônica em um sistema semiótico preciso.

Um terceiro processo disciplinar objetiva produzir o indivíduo segundo estágios sucessivos e ordenados de aprendizagem ou de permanência na instituição. Esse processo acopla todo um sistema de valorização e significações morais ligadas à aprendizagem e à produção. Uma ficha com informações precisas acompanha a vida do indivíduo na instituição. Os indivíduos são classificados segundo seus méritos e faltas. Este processo é o de uma gênese da personalidade que incorpora os acontecimentos “significativos” do passado do indivíduo ao presente de sua vida disciplinar.

O quarto e último processo que vem completar os outros três se refere a combinação das forças produtivas (agentes de produção). Nesta fase trata-se de produzir uma força produtiva maior do que a soma de seus elementos simples. A individualização das etapas, a organização dos indivíduos segundo a seqüência de etapas, a distribuição espacial do aparelho produtivo e a vigilância contínua de todos os operadores faz multiplicar, muito além do esperado, o resultado da produção.

Ainda, segundo Foucault (1987), esses quatro tipos de individuação ou de ontogênese disciplinar, celular pela distribuição espacial, orgânica pelo controle da atividade diária, genética pela sucessão temporal integrada no decorrer dos anos e combinatória pela composição das forças produtivas, além do aumento da eficiência produtiva submetem o indivíduo disciplinar a um modelo mecânico e moral.

Na vigilância hierárquica é feita uma análise da distribuição da visibilidade no interior dos aparelhos produtivos e das instituições. Nas atividades industriais, por exemplo, todos os agentes produtivos estão continuamente sob o olhar dos representantes da hierarquia. Esse sistema contínuo de vigilância, que se apóia numa prática do arquivo e da ficha individual, induz um olhar difuso, semi-oculto, que percorre e marca presença em todos os pontos dos dispositivos e aparelhos disciplinares. É um olhar hierárquico, pois ele induz, mesmo em sua ausência, os desígnios e as expectativas da hierarquia disciplinar. O exercício do poder se torna automático, os agentes de controle são mais signos do que forças deste poder.

A sanção normalizadora é um processo para corrigir toda inadequação dos indivíduos e grupos ao modelo, ou paradigma disciplinar. Implica lugares de segregação e discriminação internos à própria instituição. A sanção ou punição é um dos pólos de uma dialética na qual o outro é a recompensa. Os “maus” são punidos e

os “bons” recompensados. Esta dialética gera uma cosmovisão em que a obediência se torna uma espécie de divinização, de eleição e a inaptidão ou a indocilidade serão os signos de uma condenação universal e irremissível. Os processos e procedimentos da sanção normalizadora produzem indivíduos normalizados, automatizados e outros que sofrem a ação físico-psíquica dos estereótipos próprios ao mundo disciplinar. Esses últimos encarnam o desvio da norma e padecem suas conseqüências como se fora um destino pessoal e natural. Nessa dialética poder-se-ia pesquisar muito da etiologia das doenças e disfunções mentais e comportamentais modernas. Esta dialética da sanção e da recompensa instaura micro-tribunais, mais ou menos difusos, fazendo todos os membros da instituição participarem dos julgamentos. Este movimento de julgamento perpétuo penetrará tão fundo nos corpos e nos inconscientes humanos que se tornará uma patologia própria do Homem Moderno que sofre a necessidade da recompensa e o terror da condenação. Deste procedimento disciplinar de recompensa e castigo nasce uma duplicação da justiça e do tribunal de Estado, fazendo com que todos passem a ser ao mesmo tempo juízes, testemunhas, acusados e algozes o que gera a vigilância e a suspeita recíprocas.

O exame, em todas as suas múltiplas formas, é um procedimento que articula a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora permite avaliar o desempenho do indivíduo e sancioná-lo ou recompensá-lo conforme o caso.

CAPÍTULO IV COGNIÇÃO DO DISCURSO

"Que obra de arte é o homem! Quão nobre em raciocínio! Quão infinito em faculdades! Na forma e movimento, quão expressivo e admirável! Em ação se assemelha a um anjo! Em apreensão se assemelha a Deus!"
(Shakespeare, Hamlet, Act ii, Sc. 2)

Dada a importância da cognição dentro do processo de análise textual, o presente capítulo contém abordagens pertinentes aos capítulos subsequentes.

4.1 Cognição

Segundo Varela (1997), o cognitivismo se estrutura a partir de três suposições:

- Habitamos um mundo com propriedades particulares, tais como cor, comprimento, movimento, som, etc.
- Capturamos ou recuperamos essas propriedades representando-as internamente.
- Existe um sujeito independente, um “nós” capaz de tais realizações.

Ainda para Varela (1997):

“... a Ciência Cognitiva se assemelha mais com um grupo desconexo de disciplinas, do que com uma disciplina em si mesma, ou seja, uma única disciplina. Cada disciplina que compõe a Ciência Cognitiva, dá uma resposta diferente para a questão sobre o que é mente e cognição, uma resposta que reflete as preocupações particulares da disciplina em questão.”

O fenômeno da cognição pode ser explicado como sendo, primeiro, uma *função biológica*, que acontece no interior do sistema vivo mantendo sua organização diante das perturbações que sofre; segundo, como um *processo pedagógico*, que resulta do

histórico de inserção e acoplamento do sistema ao seu ambiente externo e, por último, por uma *episteme da observação*, que reúne os pressupostos e raciocínios utilizados pelo observador do fenômeno (Silva, 1998).

A função biológica determina os limites da aprendizagem. Um cão irá operar sobre seu ambiente de uma forma diferente da do homem. Suas biologies são diferentes e portanto, de alguma forma, o meio comportamental de um é diferente do meio comportamental do outro.

O processo pedagógico se sustenta na articulação dos três fundamentos do construtivismo: o histórico, o afetivo, e o estético. É essa articulação entre o biológico e o cultural que vai fazer emergir uma episteme – uma forma de ver, pensar e explicar o mundo.

O que o olho do observador diz para o observador? O que o cérebro do observador diz para o observador? O que a consciência do observador diz para o observador? O olho nos diz muito pouco, o cérebro não diz nada, até hoje não se ouviu nenhum neurônio falando. A consciência, sim, essa nos diz tudo.

Lévy (1993: 25) propõe que, tanto os conhecimentos como as representações, estão estruturados como “Redes Hipertextuais de Significados”. “*O hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo*” .

Um hipertexto, segundo Lévy, deve atender a seis princípios:

➤ **Princípio da Dinamicidade**

“*A rede hipertextual está em constante construção e renegociação*”. (Lévy, 1993: 25)

Trata-se de um sistema dinâmico em que, pelo mecanismo de construção de conhecimentos e de construção de representações, a cada instante de tempo, se reconfigura toda a rede, acrescentando-se novos nós e alterando-se relações.

➤ **Princípio da Heterogeneidade**

“Na memória serão encontradas imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc ... e as conexões serão lógicas, afetivas, etc. Na comunicação as mensagens serão multimídias, multimodais, analógicas, digitais, etc. O processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre estes elementos”. (Lévy, 1993: 25)

Redes Semânticas de todos os tipos, esquemas, frames, scripts, conceitos descritos por atributos ou protótipos, emoções, são nós dessa rede. Em verdade, um nó pode ser uma rede tão complexa quanto aquela a qual se encaixa, dentro da percepção holística de que o todo, não necessariamente é maior do que as partes.

➤ **Princípio da Fractalidade**

“O hipertexto se organiza de forma fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede ...” (Lévy, 1993: 25)

➤ **Princípio de Fechamento**

Entende-se que essa rede, ainda que não possua unidade orgânica, como proposto por Lévy (1993), possui um motor interno. Ou seja, não é uma estrutura aberta. Só se abre para o exterior quando ocorre uma perturbação interna, e esta abertura revela, sempre, uma intencionalidade.

➤ **Princípio de Topologia**

“Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança ... A rede não está no espaço, ela é o espaço”. (Lévy, 1993: 26)

➤ **Princípio de Automação**

“A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, ...” (Lévy, 1993: 26)

4.2 Reflexões sobre linguagem e literatura

Segundo Lévy (1993), o conceito de rede hipertextual é importante para modelagem cognitiva porque sua compreensão possibilita que novos significados sejam elaborados, novos nós, que trazem em si significados e potência geradora de outros tantos nós.

A rede semântica de Pierre Lévy (1993) traz em seu cerne aspectos semiológicos e/ou semânticos que se enriquecem na própria expressão: – rede semântica.

A rede composta de múltiplos significados, nunca estáticos ou únicos, proporciona ao sujeito operacional um aspecto dinâmico não dissociado de sua visão de mundo. Evidencia-se que quanto maior a visão de mundo, tanto maior a rede textual e maiores as redes significativas e semânticas.

Os elementos retóricos, estilísticos, técnico-literários e ideológicos transformam a denotação em conotação que em alguns casos apresentam-se

evidentes e em outros tênues, senão indistintos. O posicionamento do leitor, os dados contextuais de sua rede hipertextual, influem na delimitação do que seja denotativo e conotativo. A relação do autor assim como a do leitor com a linguagem é culturalmente moldada. O literário funde a denotação e a conotação ao implicar e inscrever uma tensão fundamental: – o significar-se historicamente. Tensão essa que tem, como um pólo necessário, um código configurado na tradição e outro nas forças histórico-sociais que partem da aceitação da mesma em um processo de transformação onde se efetivam as rupturas por sucessivas instaurações.

O texto não é algo em si e por si. Ele manifesta a relação do homem com as realidades humanas.

A ficção tem como característica fundamental, o imaginar. O imaginar é o contraponto do formar. O contraponto indica a presença da tensão, do limite, do ilimitado do discurso, do discurso e do imaginário do homem. Desta forma, ultrapassando as fronteiras das realidades dentro do real.

O imaginário ficcional não se confunde com a ilusão. A ilusão manipula, impõe estereótipos ideológicos, veicula um discurso que não liberta, antes, domina.

O homem significa o real e manifesta realidades através do discurso. Discursar o real é significar, estabelecer tempo e espaço como realidades intimamente ligadas à ação do homem e seus significados. Para o homem, agir é significar, e todo significar diz de um *signum facere*, ou seja, fazer tornar signo. A problemática reside no ato de constituir-se e instituir-se o real em signos. A partir do momento em que o real aparece como realidade significada, já não é o real. O signo é sempre signo de, nunca o que é. Em todo significar há um fingir, um dissimular.

A percepção da realidade passa pelas palavras e o uso prolongado das mesmas produz um desgaste da força expressiva. Este desgaste tende a nos

apresentar a realidade de uma maneira esquemática e estática, porém, a realidade é dinâmica.

O discurso, matéria da ficção, redonda em um dis-semelhar, não porque se invente uma história simplesmente, mas por causa da própria natureza do signo. Instaure-se, igualmente, a natureza do conhecimento e do saber, sendo que a natureza do conhecimento encontra-se estreitamente ligada à natureza dos signos.

A linguagem sendo simbólica, cuja simbologia se estabelece em sua própria estrutura, cria uma gama de possibilidades de interpretação. A linguagem é a força de todo sistema da construção histórica humana.

A título de comparação, convém ressaltar que a aprendizagem teórica não pode estar desvinculada do texto literário, assim como não há estudo lingüístico desvinculado da realidade da comunicação verbal.

Portanto, a metodologia, a episteme textual, não pode pressupor o texto. O texto literário guarda a teoria implícita ou explicitamente. O texto encontra-se aberto a múltiplas dimensões no seu objeto de estudo. A interdisciplinaridade pode dar, ao seu caráter independente, possibilidades de abordagens e conhecimentos quando se aplicam ciências afins, como: a sociologia, a antropologia, a lingüística, a história, a filosofia, a psicanálise; todas igualmente voltadas para as manifestações do ser e do fazer humano.

4.3 Representações inconscientes no texto literário

Conforme Fialho (s/d), as representações inconscientes aparecem no discurso, através de um jogo de palavras desejado ou não. As realidades psíquicas apresentam

substitutos ocasionais através de metamorfoses discursivas constitutivas da atividade profunda do espírito humano. Organiza-se, regulamenta-se num fluxo descontínuo mas coerente, suscetível de ser assumido pelo sujeito de forma a ser segmentado, reconhecido e, depois, conscientemente transformado em comunicação.

As representações, espécies de imagem, ainda são misteriosos equivalentes circuitos eletrônicos cerebrais. Essas representações transformam-se em signos lingüísticos, representações de palavras, que são a fala da consciência e/ou discurso.

Os sons e as letras, que materializam os signos lingüísticos, são, se não desprovidos de seus significados lógicos habituais, pelo menos se desviam para um outro regime de significação que se constitui o inconsciente na linguagem.

Entretanto, torna-se essencial lembrar que as ações representadas no discurso são fantasias disfarçadas, suavizadas por uma hábil e agradável transposição.

O leitor, num processo de idealização, identifica-se com o discurso dos autores.

As coisas tornam-se tangíveis, representações de coisas, representações de palavras, representação antes de tudo: – verbo encarnado.

4.4 Estética da recepção

Segundo Jauss (1979), a estética da recepção se define como uma pesquisa sobre a recepção da literatura e seus efeitos no leitor.

A consciência imaginativa do leitor, face aos vazios do texto, encontrará espaços abertos para a plurissignificação. Os pontos de indeterminação devidos à barra existente entre significante e significado no signo lingüístico serão preenchidos com seu próprio imaginário.

A leitura interpretativa cria, desta forma, a possibilidade de um novo leitor, ou seja, um leitor capaz de preencher os vazios do texto.

“A função do vazio consiste em provocar no leitor operações estruturadas. Sua realização transmite à consciência a interação recíproca das posições textuais. (...) É pela seqüência de imagens conflitantes surgidas dos vazios do texto que o significado do texto se torna vivo na consciência imaginativa do leitor”. (Iser, In: Lobo, 1999: 116)

Segundo Soares (1999) a estética da recepção na atualidade tem como elemento importante o esquema apresentado por Lucien Dallenbach que estabelece uma relação recíproca de quatro elementos: sujeito e processo de produção, texto, sujeito e processo de recepção, contexto histórico inconsciente.

Atualmente a estética da recepção acontece numa abordagem sociológica, nas relações entre processo de recepção e contexto histórico de onde emerge um leitor implícito e um leitor explícito.

Portanto, uma normatividade quanto à existência de uma única leitura foge à autonomia de organização do texto literário e da ênfase por parte do leitor.

O Leitor deve ser considerado como sujeito no processo de recepção.

4.5 Semiótica literária

Conforme Silva (1999), o processo literário convertido em discurso narrativo como prática semiótica estrutura o Espaço, a Personagem e o Acontecimento, criando uma realidade imaginária.

A criação da realidade ficcional se faz por uma operação imitativa da dinâmica que, estruturando o mundo, o homem e as ocorrências, cria a realidade objetiva.

O discurso narrativo não é literário por natureza. Torna-se literário se, semiologicamente investido pela semiótica literária, o converte em um processo literário de criação.

Segundo Silva (1999), o investimento da semiótica literária no discurso narrativo acontece através dos discursos ficcionais do espaço, da personagem e do acontecimento.

Os discursos ficcionais articulados pelo processo literário realizam a relação do homem com o mundo no nível do imaginário.

O espaço é uma elaboração sógnica do mundo no nível do imaginário como expressão objetiva da existência codificada. A personagem é uma elaboração sógnica do homem no nível imaginário como expressão da existência. O acontecimento é uma elaboração sógnica no nível do imaginário das ocorrências e ações que relacionam o homem com o mundo. (Silva, 1999)

O fio narrativo, como lógica estruturante da realidade ficcional, incorpora o investimento semiológico do espaço, da personagem e do acontecimento.

O processo literário de criação está semiologicamente investido por um dos discursos ficcionais, cuja lógica estruturante realiza-se em cada uma das manifestações específicas.

A narrativa literária da retórica moderna, narrativa do absurdo, do realismo mágico e narrativa fantástica, investem semiologicamente no acontecimento. O discurso narrativo, a ele se integra como dinâmica estruturante da imagem do mundo ficcional subordinando, à sua lógica, o espaço e a personagem. As ações e

ocorrências irrompem por si mesmas, independentes das lógicas significantes da personagem e do espaço e convertem-se em dinâmica estruturante que, aliada ao fio narrativo, estrutura uma proposição de realidade absurda. Desarticulados pela dinâmica estruturante do acontecimento, personagem e espaço, um ao outro se desconhecem e a experiência existencial da personagem se projeta no vazio. Submetidos à logicidade estrutural da proposição da realidade, a expressão objetiva do espaço se fragmenta e a personagem experimenta o insólito.

Conclui-se desse modo, que o ficcional se integra à estrutura de realidade pela experiência crítica de leitura. A estrutura da realidade encontra-se cercada de emoções, de conceitos verbais ou não verbais que compõem o discurso social.

A partir da literariedade, da ficcionalidade, da experiência crítica da leitura, é que se desmascara a realidade chegando-se ao real. É a leitura crítica, através do desmascaramento do discurso que leva o leitor à consciência do eu individual ou coletivo, ou seja, à consciência crítica.

4.6 Hermenêutica

Segundo Brunel (1998), o termo hermenêutica tem origem em Hermes, divindade intérprete a quem era confiada a transmissão das mensagens do destino aos mortais.

Como atividade de interpretação, através da hermenêutica, pode-se traçar um longo caminho que vem desde a época clássica ateniense até os nossos dias.

A hermenêutica se constitui em um trabalho de interpretação que parte do texto e se encaminha a uma reflexão sobre a essência humana.

Para Fabiana (1986), hermenêutica se alicerça de forma filosófica à proposta de compreensão existencial da obra literária vinculando-se à conceitualização de história de Wilhelm Dilthey, à ontologia de Martin Heidegger e à hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer.

O sentido da historicidade da existência de Dilthey vincula todas as etapas da vida entre si quando se pretende alcançar valores mais elevados. Conceito que Heidegger retoma ao pensar o Ser como tempo, considerando este na sua tridimensionalidade. Não como tempo único que separa cronologicamente presente, passado e futuro, mas o tempo unitário que reúne em cada atividade humana os três tempos. Simultaneidade temporal ratificada por Gadamer onde o conhecimento do passado nos coloca em contato com o futuro. Estabelece-se assim, o que se pode chamar de uma pré-visão de nossas possibilidades futuras. Desta forma, o trabalho hermenêutico aborda a convergência das três dimensões do tempo, na obra. Desta articulação resulta a sua historicidade.

A literatura, entendida como projeção poética desse exercício, exige do crítico a indagação na obra do sentido de humanidade do homem. Propõe-se um trabalho de questionamento e investigação com a linguagem da obra. Uma tarefa hermenêutica que se processa como um trabalho de criação, que se sobrepõe aos limites do dito e penetra pelas entrelinhas, indagando no silêncio o sentido que ultrapassa as possibilidades denotativas e conotativas do código lingüístico. Visão heideggeriana do Dasein “ser-aí”, que busca o modo de ser do homem no mundo, o ser humano.

A razão hermenêutica é conscientemente inconclusa e antiimpositiva, mantendo, muitas vezes, a pergunta como única resposta possível.

CAPÍTULO V

A PRÁXIS

A práxis objetiva uma análise sócio-filosófico-cultural através de micro-textos que se abrem em um hipertexto que se pretende contenha uma visão mais lúcida de mundo.

Neste Capítulo são apresentadas análises textuais usando-se suportes teóricos como estratégias para comprovação deste trabalho.

5.1 A escolha dos contos

A escolha do texto “*Circuito Fechado*”, de Ricardo Ramos, busca demonstrar a mecanicidade de um ser individual que, anônimo, passa a ser coletivo. A técnica da decupagem e/ou frames, que podem ser lidos em uma seqüência linear ou subvertendo-se completamente a linearidade, deixa à escolha do leitor, o circuito desejado. A técnica cinematográfica é o suporte que busca demonstrar a mecanicidade encontrada no texto.

Em “*O Cobrador*”, de Rubem Fonseca, busca-se o inverso da mecanicidade apresentada em “*Circuito Fechado*”. Busca-se a análise da mecanicidade que abrange a realidade social. A mecanicidade social realizada na negação do sujeito pela sociedade. Um dos suportes teóricos utilizados é o “*Riso*” (1983), de Bergson, porque o agente desarticulador da personagem na realidade social encontra-se no exato momento em que a mesma procura o dentista como um profissional: um representante da estrutura social. O que a personagem mais gosta em si mesma, no conto, são os dentes. Ironicamente a sociedade, representada pelo dentista, nega-lhe o direito de ter dentes, o direito de sorrir. Outros suportes teóricos: Greimas, Freud,

Lacan e Foucault são usados para se analisar uma personagem tão questionada, tão difícil de ser entendida e/ou aceita pelo leitor comum, mas que apesar de sua linguagem tão chocante e atitudes animais, possui uma beleza inimaginável. Esses teóricos se justificam, na análise do conto, para a comprovação da desarticulação psico-social da personagem.

Em “*Comunicação*”, de Garcia de Paiva, busca-se conscientemente um confronto entre a personagem protagonista do conto e a personagem de “*O Cobrador*”, de Rubem Fonseca. Em “*O Cobrador*”, encontra-se uma personagem que, porque agredida, passa a agredir indiscriminadamente o corpus social. Em “*Comunicação*”, é o corpus social, representado por um aparelho ideológico do Estado, que agride a personagem protagonista. A personagem no conto “*Comunicação*”, de Garcia de Paiva, encontra-se totalmente só e desamparada porque falta-lhe até mesmo o discurso. Essa personagem, para o momento político da ditadura militar, é escolhida para ser exemplo do poder no corpus social. Procura-se usar a tortura psíquica, e não a física. É a personagem, ferida na alma, de forma lenta e gradativa, que deve ser apresentada à sociedade, periodicamente, pelos meios de comunicação, servindo de exemplo à manutenção da titularidade do poder. O conto ironicamente, possui como título o signo lingüístico “comunicação” quando toda comunicação é negada à personagem, um surdo-mudo, que busca de forma angustiante, se fazer entender, se comunicar, quando o sistema apenas a quer surda-muda. Nega-lhe a condição primordial do ser humano, que é a liberdade. A grande comunicação textual só se realiza através de uma leitura crítica. A escolha de “*Botão-de-Rosa*”, de Murilo Rubião, para o fechamento das análises, busca dar ênfase à literatura fantástica que é de difícil interpretação por parte do leitor. É importante ressaltar que o conto não se dissocia do enfoque sócio-filosófico-político

e literário dos anteriores. A ênfase é que recai na estrutura narrativa semiologicamente construída, onde o acontecimento é o fato mais importante. A personagem e o espaço apenas compõem o acontecimento. Busca-se no texto um acontecimento que se pode datar desde dois mil anos. Faz-se a fusão entre a visão de Cristo e o homem comum. O Cristo humano que se repete todos os dias, que não é entendido. O Cristo onde razão e desrazão se fundem cotidianamente.

5.2 Circuito Fechado

Para a análise do texto “*Circuito Fechado*” (Anexo A), faz-se uma divisão de **Forma e Conteúdo**.

Para o estudo da Forma usa-se como suporte a narrativa cinematográfica, e como ela se apresenta no texto. Para o Conteúdo, usa-se "*as Representações que construímos sobre a realidade*" e a Rede Hipertextual de Pierre Lévy (1993) que une a Forma ao Conteúdo de maneira que o eu - leitor tenha uma compreensão do mesmo.

5.2.1 A Forma

O texto em análise usa de técnicas cinematográficas que desenvolvem meios de comunicação sofisticados integrando linguagens, ritmos e caminhos diferentes de acesso ao conhecimento.

O uso desta técnica no texto tem como objetivo libertar o olhar das imagens rotineiras e textos apresentados rotineiramente de forma linear. O deslocamento do olhar e a desconstrução da linearidade da forma tem como objetivo uma quebra nas

estruturas rotineiras e mecanicizadas em busca de uma libertação do olhar para que se instaure a consciência e o conhecimento do eu, individual e coletivo.

Koumi (1991) propõe novas pesquisas da imagem, através da libertação do olhar e da contemplação do mundo, com um ponto de vista diferente das convencionais leis da perspectiva, da composição e da técnica.

A narrativa cinematográfica e a sua apresentação no texto

O texto "*Circuito Fechado*" apresenta o processo de decupagem em cinco blocos ou cinco circuitos como seqüências relacionadas à mesma ação e em cenários e planos diferentes que captam a exterioridade das pessoas e coisas formando uma imagem mental e estabelecendo uma visualização analógica representacional e simbólica. Esse processo de decupagem é uma metáfora principalmente visual para a organização das experiências de um protagonista anônimo, por isto mesmo, comum a todos nós. "*Todo o nosso ser é atingido, não só a inteligência. Daí a sua força*". (MORAN, 1994: 44)

A opção pela decupagem é para provocar, instigar um clima de tensão através da intensa movimentação da câmera.

Cada take reforça a mecanicidade da ação e ao mesmo tempo relaciona-se com a ação principal numa lógica mais intuitiva e conectiva.

"(...) *Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiros, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com planta, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo.*" (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 71)

O conto “*Circuito Fechado*” se apresenta como um filme onde a câmera enquadra detalhes aparentemente imperceptíveis; mas na realidade criando uma idéia de ação contínua reforçando a mecanicidade da personagem. A artefazer da decupagem é o enigma da direção do enredo. Esta técnica apresenta uma intencionalidade lógica, linear e contínua, tendo como subsídio o G.P.G. (Grande Plano Geral) que serve para descrever o cenário, com uma quantidade de pormenores que depois agrupados em seus detalhamentos nos darão uma visão do geral e da análise do cotidiano de qualquer ser humano em processo idêntico.

Além da decupagem, observa-se a técnica do travelling girando em torno da personagem-protagonista de forma que o movimento da câmera intensifica a ação na função dramática do texto.

Todas as vezes em que ele divide o enredo da primeira decupagem com a palavra “*Relógio*” (**grifo nosso**) usa-se a técnica ou forma de linguagem que é o “wipe” para indicar passagens de tempo e/ou mudanças de cenário.

O relógio determina encontros e desencontros, a obrigatoriedade dos compromissos mesmo quando a personagem se pergunta: - “*Por que não instantes?*” (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 72)

Tendo em vista o texto ser altamente introspectivo e psicológico. O que será abordado na segunda parte - **Conteúdo**.

“(...) O retrato mudando na parede, no espelho. Desbotando. Os dias, não as noites são o que mais ficou perdido (...) Uma vida em rascunho, sem tempo de passar a limpo (...) Uma folhinha, um relógio muito adiantados. (...) Uma tristeza, um espanto, as cartas do baralho, passado, presente e futuro, onde estão?” (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 71-73)

Ainda se faz presente na narrativa o “congelamento ou freeze” chamando a atenção do leitor para o aspecto neurotizante do cotidiano na expressão “Cigarro e fósforo”, na decupagem “*Circuito Fechado 1*” que é o fechamento da ação mecânica

dos demais Circuitos concluindo na "**Representação**"³ consciente do conhecimento e reconhecimento de sua vida.

"(...) Não foi o que vem de dentro, e sim o que bate, não se anuncia, e força, abre e entra. (...) Não foi o amor, a certeza, o amanhã, foram as palavras que representam a idéia de, o conceito, enfim a sua redução. Não foi pouco nem muito, foi igual. (...) Não foi o que, foi como e onde, e quando. Não, não foi." (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 74)

5.2.2 O Conteúdo

"A Rede Hipertextual de Pierre Lévy" e "Compreensão - As representações que construímos sobre a Realidade".

Na abordagem do Conteúdo estão presentes estas duas fundamentações teóricas, já que a sua Forma pressupõe um hipertexto ou uma Rede Hipertextual.

O texto no seu conteúdo instaura através de Representações, inferências que eu-leitor posso construir tendo como referência a personagem-protagonista, objetivando a compreensão da Realidade, a consciência da personagem, o conhecimento do eu individual e coletivo. (Fialho)

A Rede Hipertextual de Pierre Lévy

Conforme LÉVY (1993: 25), a

"Rede Hipertextual está em constante construção e renegociação. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contextos, objetos técnicos, componentes destes objetos."

³ A palavra representação é aqui utilizada segundo o conceito apresentado por Fialho, no texto "Compreensão - As representações que construímos sobre a realidade".

Nas citações do livro As Tecnologias da Inteligência de Pierre Lévy num modelo de hipertexto podemos encontrar seis princípios abstratos:

1. Princípio da metamorfose;
2. Princípio da heterogeneidade;
3. Princípio de multiplicidade ou encaixe de escalas;
4. Princípio de exterioridade;
5. Princípio de topologia;
6. Princípio de mobilidade dos centros.

Dentro do **Conteúdo** de “*Circuito Fechado*” tentaremos aplicar alguns destes princípios.

Princípio da heterogeneidade

Entre os cinco circuitos podemos notar os nós e as conexões heterogêneas de uma rede hipertextual através da união dos cinco circuitos compostos de palavras que constroem imagens dando-nos sensações e fornecendo-nos conexões lógicas e afetivas. Há um processo de associações que podemos imaginar na interligação dos elementos.

Sejam os elementos, os circuitos divididos em cinco ou na conexão das palavras que em todos os circuitos estão, aparentemente, desconexas.

Ex.: Circuito Fechado 1

"(...) *Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. (...)*" (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 71)

Circuito Fechado 2

"(...) *Dentes, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão. A memória intermediária, não a de muito longe nem a de ontem. Parentes, amigos, por morte, distância, desvio.*" (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 72)

Circuito Fechado 3

(...) "*O quê? É quem diria. Acredito que sim. Boa tarde, como está o senhor? Pague duas, a outra fica para o mês que vem. Oh, há quanto tempo! De lata e bem gelada*" (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 73)

Circuito Fechado 4

(...) "*Uma cicatriz de operação na barriga e mais cinco invisíveis, que doem quando chove*" (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 73)

Circuito Fechado 5

(...) "*Não foi o amor, a certeza, o amanhã, foram as palavras que representam, a idéia de, o conceito, enfim a sua redução. Não foi pouco nem muito, foi igual. Não foi sempre, nem faltou, foi mais às vezes. Não foi o que, foi como e onde, e quando. Não, não foi.*" (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 74)

Princípio de multiplicidade ou encaixe de escalas

O hipertexto se organiza de modo "fractal", ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão. Em algumas circunstâncias críticas, há efeitos que podem propagar-se de uma escala a outra: a interpretação de uma vírgula em um texto. (...) "*Um morto, uma dúvida, um conto com história.*" (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 73)

Depois da vírgula em "(...) Um morto", podemos inferir a morte do pai da personagem-protagonista, e o que esse fato representou no desenrolar dos acontecimentos.

Princípio de topologia

Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. Não há espaço

universal homogêneo onde haja forças de ligação e separação, onde as mensagens poderiam circular livremente. Tudo que se desloca deve utilizar-se da rede hipertextual tal como ela se encontra, ou então será obrigado a modificá-la. A rede não está no espaço, ela é o espaço.

Como exemplo, podemos colocar o texto “*Circuito Fechado*” na sua apresentação de Forma e Conteúdo. A Forma dividida é aparentemente estanque, e o Conteúdo em cada um dos momentos parece ser momentos de vida, como se a vida não fosse um todo.

Princípio de mobilidade dos centros

A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó ao outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, “*de rizomas, finas linhas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens de sentido*”. (LÉVY, 1993: 25-26)

Como exemplo, no texto “*Circuito Fechado*” o curso dos acontecimentos pode ser tomado pelo caminho desejado pelo leitor. Nele encontramos passado e presente de uma forma não-linear.

Quanto ao futuro o leitor pode “*desenhar mais à frente outras paisagens de sentido*”. (LÉVY, 1993: 25-26)

Como consideração da rede hipertextual de Pierre Lévy ao texto *Circuito Fechado* consideramos sua aplicação pertinente porque nos proporciona uma modelagem cognitiva, levando-nos à “*Compreensão*”⁴ tornando-nos capazes de criar

⁴ A palavra, compreensão, é utilizada segundo o conceito elaborado por Fialho (s/d), na apostila “Compreensão - As representações que construímos sobre a realidade”.

novos significados, novos nós, que trazem em si, a potência geradora de outros tantos nós.

Compreensão - "As representações que construímos sobre a realidade"

Segundo Fialho (s/d), devemos distinguir entre os conhecimentos, estruturas não voláteis, que ficam armazenadas em nossa memória de Longo Termo, e as representações transitórias que fazemos das diferentes situações a que somos submetidos em nosso dia a dia.

Ainda segundo Fialho (s/d), se seguirmos Lacan, Bergson e Freud todo o conhecimento presente, passado e futuro estaria contido em nossa mente quântica.

Os conhecimentos sobre os objetos, os conceitos e sua organização em rede semântica são expressos por esquemas que têm um conteúdo figurado e que correspondem a uma codificação espacial das informações. Ou ainda, conhecimentos cujo conteúdo é um bloco em que se misturam códigos verbais e códigos figurados. O que neste caso podemos chamar de Representações de situações, ou casos, que por repetição são armazenados na memória de Longo Termo.

No texto "*Circuito Fechado*" a compreensão se dá pela construção de representações através de uma estrutura conceitual que utiliza, principalmente de inferências e é orientada pelas informações do texto e pela ordem em que estas são fornecidas.

Em "*Circuito Fechado*" podemos inferir pelo texto (...) "*Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis.*" (...) (...) "*O alfinete das primeiras gravatas e o sentimento delas*" (...) (...) "*uns sapatos pretos de verniz, outros marrons de sola dupla*" (...), que a

nossa personagem-protagonista é um empresário bem sucedido dada a inferência que podemos aplicar (...) "*ao alfinete das primeiras gravatas*", "*aos sapatos de verniz*" ou "*marrons de sola dupla*". (...) (RAMOS in: LADEIRA, 1995: 72)

Temos no conjunto do texto como resultado, uma rede de relações que vai do mais particular ao mais geral.

Sendo "*Circuito Fechado*" um modelo particularizado de situação, percebemos desde os mínimos detalhes até aos mais gerais, chegando mesmo até aos mais introspectivos e/ou representativos da psique da personagem-protagonista.

O conhecimento se dará portanto, por meio das correlações estabelecidas.

A verdade é que o significado de um texto é sempre maior que a soma dos significados das sentenças que o formam.

5.2.3 Considerações Finais

Na tentativa de justificar os procedimentos técnicos e por acreditar que os mesmos, realmente, possibilitam um maior aprofundamento de inferências e/ou significados apresentamos o conhecimento e/ou compreensão da realidade textual sintetizando com um outro texto, embora tendo como base o mesmo; captando a realidade sob a ótica do leitor.

O que quer que escrevamos tem e transmite significados que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção de leitor comum. (Harvey, A condição Pós-Moderna)

Apresentamos uma desconstrução reconstruindo a partir do texto original, num texto sintético; mas linear.

O que como leitor inferimos é a descrição da vida de um empresário que todos os dias de forma procedural repete o seu acordar, levantar e deitar. Pois o mais relevante não são os fatos que o marcaram profundamente, mas a sua necessidade de repetir, a sua falta de vontade de mudar ou a sua impossibilidade momentânea de (des)construir o estratificado.

A personagem-protagonista não parece perceber que a organização do seu dia é sempre a mesma, que os objetos e as pessoas de contato parecem ter o mesmo significado por fazerem parte de um quadro aparentemente estático e/ou estanque, por possuírem uma forma mecânica, por não terem um agente que pensa o próprio pensamento, que deixa fluir e viva os próprios sentimentos.

Não temos como personagem-protagonista um homem velho porque a sua *“memória é intermediária, não a de muito longe nem a de ontem”*. É aquele que marca encontros de negócios, passa no posto de gasolina, vê que o tempo muda a não ser em calor ou chuva, perde amigos, e outros começam relações que seus próprios amigos percebem menos do que ele. É casado, tem um filho e uma filha, como tem *“uma janela sobre o quintal, depois a rua e os telhados, tudo sem horizonte. Um silêncio por dentro, que olha e lembra, quando se engarrafam o trânsito, os dias, as pessoas”*.

É um homem que caminha de cabeça baixa atento aos buracos da calçada, mas que tem um diabo solto, e uma prisão que o segura com um garfo e uma porta. Uma porta que ele fecha todas as noites e depois de haver guardado o carro na garagem, lê alguma coisa, fala sobre o tempo que ele pouco presta atenção, mas que precisa continuar mesmo que seja acordado de manhã bem cedo por uma esposa que não tem nome. É sempre

“uma vida em rascunho, sem tempo de passar a limpo,(...) porque tudo se veio esgarçando em rotina, sombra com vazío,(...) já que o mistério se fez

magia e baralhou os búzios da vontade.(...)Não foi o momento certo, a maior parte aconteceu de repente, ou cedo, ou tarde, afinal não se repetiu. Não foi a viagem longa, larga viagem, de recordar, rever, que as paradas e os horários dividiram muito o roteiro, partiram, nublaram, não devolveram. Não foi o encontro nem a sua memória, não foi a paisagem nem o esquecimento, foi esse passar de pessoas e o seu reverso de imóvel, que se isola e não fala, porque não adianta (...). (Ramos, In: Ladeira, 1995: 73-74)

5.3 O Riso, a Linguagem e a Psicanálise em: “O Cobrador”, de Rubem Fonseca

“Contudo, a sociedade exige mais ainda. Não basta viver; importa viver bem. Agora o que ela tem a temer é que cada um de nós, satisfeito em atentar para o que respeita ao essencial da vida, se deixe ir quanto ao mais pelo automatismo fácil dos hábitos adquiridos”. (Bergson, 1978: 18)

Em “O Cobrador” de Rubem Fonseca (Anexo B) encontramos:

“uma literatura em que o crime é glorificado, mas porque é uma das belas-artes, porque só pode ser obra dos seres de exceção, porque revela a monstruosidade dos fortes e dos poderosos, porque a perversidade é ainda uma maneira de ser privilegiado” (FOUCAULT, 1987: 61).

O que se propõe na verdade, é a busca através do riso, da linguagem e da psicanálise, dos comportamentos que individualizam o ser humano dentro do corpo social.

Devemos nos ater ao fato de que é a história do grupo ao qual o indivíduo pertence é que dirá o que é reforçador ou o que é punitivo.

Sabemos que, enquanto seres sócio-políticos, os comportamentos devem ser apreendidos e as emoções tais como: alegria, tristeza e medo se submetem às influências sociais.

“a existência dos indivíduos: significa uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, afinidade, gestos aparentemente sem importância; significa uma outra política a respeito dessa multiplicidade de corpos e forças que uma população representa”. (Foucault, 1997: 72)

O conto se avizinha e toma uma certa cumplicidade com a personagem protagonista, por ela representar as camadas mais desfavorecidas da população.

População esta, desprovida de certos privilégios, mas que constrói para si certas margens de tolerância, conquistadas pela força ou pela obstinação; que se tornam condição indispensável de existência.

É uma população onde a criminalidade torna-se objeto difícil de distinção jurídica e moral. Uma criminalidade que se fundamenta numa ilegalidade mais vasta, onde as próprias condições de existência são um fator de perpetuação da mesma.

A ilegalidade popular é o núcleo desta criminalidade, é ao mesmo tempo forma extrema e perigo interno.

Com este tipo de população se associam a glorificação e o anátema, a ajuda efetiva, o medo, as rivalidades, a concorrência, os conflitos de interesse, o apoio recíproco, a cumplicidade.

5.3.1 “O Riso”

“O riso deve ser algo desse gênero: uma espécie de gesto social. Pelo temor que o riso inspira, reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contato mútuo certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; suaviza, enfim, tudo o que puder restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social”. (BERGSON, 1983: 19)

O que buscamos através do riso é um Leitmotiv para uma abordagem; paradas, acompanhamento de um

“fio nos desvios não raro imprevistos, parando aqui e ali para contemplar em torno de nós, e subindo, afinal, se possível, ao ponto em que o fio está pendente e onde talvez nos surja a relação geral da arte com a vida – pois o cômico hesita entre uma e outra” (BERGSON, 1983: 20).

O riso é uma proposta de visão, entre outras, da ação da personagem protagonista no corpo do conto, enquanto narrativa, obra de arte e flagrante do real.

É a busca da justificativa do texto-obra, que como fenômeno é sempre estático (manifestado) e dinâmico (manifestando); ou seja a relação dos três referentes essenciais à sua abordagem: o homem, a realidade, a expressão.

É apenas um corte num dos referentes: o texto, ou seja a expressão; buscando o resultado de uma leitura. É o trabalho, a ação humana pela qual o homem textualizando, significando o real se significa.

Objetivamos uma leitura, e toda leitura supõe colaboração, porque o texto não se lê. Ele exige um Leitor.

5.3.2 O riso na expressão: – Um corte no texto

A proposta de um corte no texto tem como objetivo levar o leitor a inferências que subjazem ao texto. Inferências estas que subrepticamente o autor deseja reconhecidas pelo leitor.

O riso presente no discurso da personagem é a forma de se ironizar a realidade estabelecida, desmascarar a alienação social, a busca da reflexão e de um leitor comprometido com o real.

... *“Entreí no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo*

muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados ...”

... “São quinhentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.”

... “Eu não pago mais nada, cansei de pagar. Gritei para ele, agora eu só cobro!...”

... “Puf. Acho que ele morreu no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf”

... “Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo ...”

... “Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo *O Dia*. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas, e dou metade prá ele me dá o jornal. A manchete diz: *Polícia à procura do louco da Magnum*. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor, com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas ...”

... “O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados ...”

(FONSECA, 1979: 165-179)

5.3.3 Para uma análise sócio-semiótica

Segundo GREIMAS (1989: 51) “*a sociolinguística reclama com insistência seu lugar ao sol*”.

Embora o autor discorra sobre várias problemáticas que se instauram na questão metodológica, não nega a preocupação em explicar a fragmentação da linguagem humana.

Seria o que se pode chamar de “*o problema da Torre de Babel*” (GREIMAS, 1989: 52) que está presente em quase todas as mitologias.

Não se pode negar, e o texto assim evidencia, que as explicações devem ser procuradas na diversidade das sociedades humanas. O que se pode entender é que as línguas servem de “significantes” distintivos de oposição entre os grupos sociais. Deve-se considerar o “*sentimento*” de se pertencer ou não a determinada sociedade lingüística. “*Nesse caso, as significações sociolingüísticas constituem o significado, cujo significante é formado pelas línguas naturais e suas articulações*”. (GREIMAS, 1989: 52)

O autor propõe que a sociolingüística seja “*o estudo das linguagens de conotação social*” (GREIMAS, 1989: 53), sendo que as línguas naturais não constituem o único sistema de significação já que “*as não-lingüísticas – também concorrem para o mesmo objetivo*”. (GREIMAS, 1989: 53)

A linguagem verbal ou não-verbal, cria diferenças entre as comunidades lingüísticas e, ao mesmo tempo, cria o sentimento de identidade, de coesão que consolida os grupos sociais, em uma perspectiva mais ampla, que se poderia chamar “*sócio semiótica*”(GREIMAS, 1989: 52)

Embora teorias recentes de Hjelmslev ou Chomsky se baseiem em uma tipologia científica das línguas naturais, acreditamos que, o que Lévi-Strauss chama de “*categorias da lógica concreta*” (GREIMAS, 1989: 54) é o que mais se aproxima do texto em questão pois, estas se determinam dentro de uma cultura de organização dos microuniversos semânticos, do funcionamento do espírito humano que se

manifesta através da diversidade das comunidades lingüísticas e que se constitui em uma tipologia cultural determinada. Pode-se concluir que em um “*mesmo mapa pode-se representar a superposição de diversos traços de configuração correspondentes às distribuições, no espaço, dos fatos, de ordem histórica, política ou lingüística*” (GREIMAS, 1989: 55). Conclui-se também, que uma “*certa densidade desses traços concomitantes permite então circunscrever aquilo que chamamos de áreas culturais*” (GREIMAS, 1989: 55). Embora o estudo se aprofunde em várias categorias, preferimos deixar que a linguagem: verbal e não-verbal do texto, falem por si mesma.

O discurso da personagem que se identifica como “o *cobrador*” choca o leitor acostumado à norma culta da língua.

E, preferimos interrogar: – **não seria este um dos objetivos do texto?**

5.3.4 Psicanálise e Linguagem *versus* a Estruturação do Texto

“As palavras, visto serem os pontos nodais de numerosas idéias, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade; e as neuroses, não menos que os sonhos, se utilizam francamente das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fim de condenação e disfarce”.

(FREUD, In: CASTRO, 1992: 15)

Segundo Freud, a própria linguagem é essencialmente multívoca, pois o significado é fugaz já que as palavras expressam mais do que dizem. As palavras – desvios são salientadas como momentos de cruzamento de vários significados, são as pontes verbais que se abrem à multiplicidade de sentidos. Para a psicanálise a polissemia se impõe.

O texto, “*O Cobrador*” de Rubem Fonseca, está construído a propósito de um trabalho terapêutico em que o analisando é convidado a fazer associações livres. As associações livres, segundo Freud, convidam o analisando a “*dizer-nos também o que não sabe*”. (FREUD, In: CASTRO, 1992: 24)

Se observarmos com maior cuidado a estrutura do texto em questão, veremos que o mesmo se apresenta fragmentado, como se em momentos de discurso construído a propósito de um trabalho terapêutico.

Há entre cada discurso manifesto ou entrelaçamento da narrativa o uso de asteriscos que, semiologicamente, convergem a um discurso de associações livres. Há a própria estrutura das associações livres no discurso da personagem em vários momentos; mas o que gostaríamos de usar como exemplo é o momento em que ele faz uma retrospectiva da própria vida, “se diz poeta, se identifica e se revela” (grifo nosso):

... “*Na casa de uma mulher que me apanhou na rua. Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade. Ela me pede que recite um poema meu. Eis: Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/ dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais./ Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende. Continuo: Sabia sambar e, cair na paixão/ e rolar pelo chão/ apenas por pouco tempo./ Do suor do seu rosto nada fora construído./ Queria morrer com ela,/ mas isso foi outro dia,/ ainda outro dia./ No cinema íris, na ala da Carioca/ o Fantasma da Ópera/ Um sujeito de preto,/ pasta preta, o rosto escondido,/ na mão um lenço branco imaculado,/ tocava punheta nos espectadores;/ na mesma época, em Copacabana,/ um outro/ que nem apelido tinha,/ bebia o mijo dos mictórios dos cinemas/ e o rosto dele era verde e inesquecível./ A História é feita de gente mortal e o futuro de gente que vai morrer./ Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela é forte, resistirá./ Resistiria também, se fosse fraca./ Agora você, não sei./ Você*”

fingiu tanto tempo, deu socos e gritos, embusteu/ Você está cansado,/ você acabou;/ não sei o que te mantém vivo."/

(FONSECA, 1979: 169)

5.3.5 A Psicanálise *versus* a Personagem Protagonista

“Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser altamente estimado, pois eles conhecem muitas coisas entre o céu e a terra, com que nossa sabedoria escolar não poderia ainda sonhar. Nossos mestres conhecem a psique se abeberaram em fontes que nós, homens comuns, ainda não tornamos acessíveis à ciência”.

(FREUD, In: BELLEMIN-NOËL, 1989: 11)

Não temos a pretensão de traçar um perfil ficcional sob a ótica de um trabalho terapêutico porque reconhecemos a nossa inabilidade para um trabalho de tão grande porte.

A nossa abordagem se limita a uma análise com objetivos, essencialmente, didático-literários; já que não se pode negar: – que a Literatura e a Psicanálise caminham juntas, pois se instauram no discurso.

“A psicanálise (entendo por este termo a doutrina freudiana) mais do que uma ciência é a arte de decifrar uma verdade em todos os setores enigmáticos da experiência humana, tal como o homem a vive, isto é a “fala” a um outro ou a si mesmo”. (FREUD, In: BELLEMIN-NOËL, 1989: 09)

É a relação imediata e necessária com a linguagem o instrumento da psicanálise, já que, segundo Freud (1974), o inconsciente se expressa na fala à revelia da intenção do sujeito e além de seu conhecimento consciente. O sujeito diz

mais do que pensa e do que quer dizer; a fala tem a propriedade de ser inevitavelmente ambígua.

A denegação é um modo de a verdade, vale dizer, a verdade do inconsciente, se revelar e se ocultar ao mesmo tempo.

O estudo do fenômeno da denegação deve levar em conta sua articulação metapsicológica assim como suas ressonâncias filosóficas.

É pela ação do recalque que se constitui o inconsciente como sistema separado do resto do psiquismo.

O recalque consiste, pois, no afastamento de certos elementos do campo da consciência, os quais são mantidos na esfera inconsciente. Os conteúdos recalcados encontram-se, assim, inacessíveis ao domínio consciente e funcionam de acordo com o processo primário.

Entende-se por processo primário o modo de funcionamento próprio do inconsciente, em que a energia psíquica é móvel, podendo deslizar livremente de uma representação para outra; condensação e deslocamento são seus mecanismos mais característicos.

Ora a denegação, o elemento recalado, que está, portanto, fora do alcance consciente, é expresso verbalmente mas sob a forma de uma negação.

O recalque, “*pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise*” (FREUD, In: CASTRO, 1992: 17) consiste na expulsão, para o inconsciente, de representações ligadas a uma pulsão.

A pulsão é o elemento que impulsiona o indivíduo, no sentido da atividade; é uma força, cuja fonte é orgânica e cujo objetivo é suprimir o estado de tensão proveniente da excitação. Mas, quando sua satisfação acarreta ameaça, a pulsão é afastada, do mesmo modo como a pessoa foge de um perigo extremo.

O representante da pulsão recalçado, está totalmente fora do controle voluntário do indivíduo e virtualmente inexistente para a consciência.

5.3.6 Denegação e Preclusão

Lacan por sua agudeza e originalidade, merece nossa atenção.

Sua abordagem visa uma compreensão mais ampla do fenômeno da denegação, através do estudo do mecanismo característico da psicose. E, é aí que entra em cena a nossa personagem protagonista – *o cobrador*.

A psicose – episódio patológico – ocorre de uma retirada maciça e exclusiva do investimento do mundo exterior e esse retorno da libido sobre o próprio ego – narcisismo secundário – caracteriza o momento psicótico.

O psicótico se revela claramente. A representação de palavras é intensamente investida pelo mesmo.

Vejam no texto o discurso da personagem que apresenta esse perfil psicótico. Ela, a personagem *o cobrador*, se sente violentada, roubada, cansada de pagar dívidas sociais impagáveis, porque escondidas nas estruturas do corpus social, sustentadas pelo poder instituído e pelos aparelhos ideológicos do Estado.

“... *Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro! ...*” (FONSECA, 1979: 166)

“... *A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo ...*” (FONSECA, 1979: 166)

“... a mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes ...” (FONSECA, 1979: 167)

“... Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira, Fazenda, sorvete, bola de futebol. Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta ...”
(FONSECA, 1979: 168)

“... Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente ...” (FONSECA, 1979: 173)

“... Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar – dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximo da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco ...”
(FONSECA, 1979: 176)

5.3.7 Considerações Finais

Para finalizar, acreditamos ser importante uma reflexão sobre o que, de fato, representa a identidade social, definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos.

É como no conto *“O Cobrador”* onde os papéis atendem, basicamente, à manutenção das relações sociais representadas, no nível psicológico, pelas expectativas e normas que os outros envolvidos esperam sejam cumpridas. Isto nos leva a questionar o fato da “identidade social” e “papéis” exercerem um mediação ideológica.

É a criação da ilusão de papéis naturais e necessários como se estes fossem opções livres que fazemos no nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social.

É a constatação de que os mesmos reproduzem, no nível ideológico e no da ação, as relações de dominação necessárias para a reprodução das condições materiais de vida.

Desse modo entendemos que o texto torna-se texto-obra, porque possibilita-nos questionamentos. E os questionamentos nos levam à consciência de nós mesmos, nos fazem analisar como as intuições determinam nossas ações sociais.

O texto instaura em sua leitura o entendimento da importância da linguagem, do pensamento, da representação que fazemos do mundo como uma forma de consciência, como processos psicológicos fundamentais para a nossa relação com o outro.

Instaura-se uma nova dimensão filosófica neste mundo moderno fragmentado e pontuado por contradições. Uma filosofia a partir da necessidade de recompor a unidade perpassando as diferenças.

5.4 Para se tecer as malhas do signo em: “Comunicação”, de Garcia de Paiva

Com a abordagem do texto “*Comunicação*” de Garcia de Paiva pretendemos demonstrar que “*o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem*”. (SANTAELLA, 1983: 10)

A exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é devida, muito intensamente, a um condicionamento histórico. Este condicionamento relegou a segundo plano todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não verbais, possibilitam.

Estas linguagens juntas à linguagem oral e escrita, se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Como o próprio texto em estudo propõe: – a linguagem dos surdos-mudos.

“Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido”.

(SANTAELLA, 1983: 12)

Sob esta ótica usamos a semiologia como elemento de tessitura de discurso, quer verbal ou não-verbal, e as punições apresentadas por Foucault em sua obra *“Vigiar e Punir”*, que são partes constitutivas do texto, no corpo da personagem, que se torna vítima e elemento representativo da ação do poder constituído sobre o corpus social.

O procedimento que se pretende é a aplicação simultânea de ambos os suportes teóricos no desenrolar da própria narrativa.

5.4.1 Do Título – Comunicação – À Análise do Texto

O título sugere o elemento básico e essencial do ser humano dentro do corpus social que é a comunicação.

A comunicação representa a expressão, a criação e a recriação do conhecimento. É ela que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura.

A comunicação em termos literários tem sido, ao longo da história, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem como instrumento de aquisição e transformação cultural.

Se a literatura e com ela a leitura for levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se um trabalho de combate à alienação, facilitando ao homem a realização de sua plenitude que é a liberdade.

5.4.2 Sob a égide do Discurso, da Semiologia do Poder e da Punição à Análise do Texto

“O homem do charuto vinha e escrevia no quadro-negro:

“Confessa”

Ia embora. O outro, com o radiozinho de pilha no ouvido, escrevia embaixo:

- Confeça tudo é pru seo ben”

Infere-se, a partir do discurso que há duas personagens distintas buscando a confissão de outra.

Sob o aspecto semiológico do “charuto” e da expressão escrita em norma culta “confessa”, a primeira personagem parece possuir um papel superior dentro da hierarquia institucional. E esta personagem é substituída pelo “outro”, que traz “um radiozinho de pilha no ouvido” e uma expressão escrita popular: “Confeça tudo é pru seo ben”.

Já a personagem interrogada “escreveu apenas uma vez: - eu pergunto a você não entendo nada”, demonstrando que a forma da comunicação escrita embora em códigos diferentes era entendida em um primeiro nível de significado: - que ela estava sendo interrogada. Entretanto, em um segundo nível, que subjaz à escrita, revela que não há nenhuma comunicação, que ela não entendia o significado da pergunta, porque não entendia a razão de estar presa e sendo interrogada.

A rejeição ao giz, o fato de não mais escrever demonstra sua consciência da inutilidade da tentativa de compreensão dos fatos, e/ou comunicação real. Sob o ponto de vista semiológico o buquê de rosas que “trazia na mão” revela um aspecto de sua interioridade: - a sensibilidade. “As pétalas começavam a cair” sugerem o passar do tempo e o arrefecimento das esperanças.

O fato de lhe servirem pela manhã um café frio e ralo e um pão, e no almoço e no jantar “arroz, feijão e angu insossos” em “prato esmaltado encardido” principia o que Foucault define como “*punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação ...*” (FOUCAULT, 1997: 14).

A personagem em cárcere “no primeiro dia e no segundo, recusara tudo, mas a partir do terceiro ia deixando de cerimônias”.

Ainda, segundo FOUCAULT (1997: 15) “*a punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias conseqüências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível ...*”. E por esta razão “abrandava-se a cólera, a neurastenia de surdo-mudo encarcerado”.

“As cinco revistas velhas jogadas a um canto haviam ajudado muito, ele se deixava ficar estendido no colchão o dia inteiro lendo e relendo as mesmas páginas”.

Como se pode perceber “*a literatura é o retrato vivo da alma humana; é a presença do espírito na carne. Para quem às vezes se desespera ela consola, mostrando que todo ser humano é igual, e que toda dor parece ser única (...)*”. (VIEITEZ, 1978: 35)

O processo de punição continua pelo aparecimento contínuo do “homem do charuto” que “falava” gesticulava e, pelo jeito, gritava também. A agressividade do mesmo se torna um fato concreto a partir do momento em que rasga as revistas.

Assim sendo, suprimindo a vítima de um relacionamento com o mundo, com os outros seres, mesmo que por um discurso desatualizado. O processo de punição se intensifica quando sugere a idéia de “suplício” pela ameaça do charuto como uma possível agressão física, que se torna real pelo esfregar “da cinza quente no seu braço”.

Essa leitura se infere porque embora o discurso sendo não-verbal é uma linguagem que traz significados atribuídos a um determinado grupo social. É uma cultura de punição que determina uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes. É a história do grupo ao qual o indivíduo pertence e, que, a personagem se vê elemento integrante; que diz o que é reforçador ou o que é punitivo. É a linguagem que se quer apreendida pelo “paciente” que é determinada socialmente. Da mesma forma, a personagem em foco, o “paciente” (FOUCAULT, 1987: 40) responde através do organismo com emoções condizentes às influências sociais que se relacionam com o que nos alegra, nos entristece, nos amedronta.

“A privação pura e simples da liberdade, complementos primitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra. Conseqüências não mencionadas mas inevitáveis da própria prisão? Na realidade, a

prisão nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico”.

“A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade ... que o castigo fira mais a alma do que o corpo. O aparato da justiça primitiva tem que ater-se, agora, a esta nova realidade, realidade incorpórea”.

“Sob a suavidade ampliada dos castigos podemos então verificar um deslocamento de seu ponto de aplicação; e através desse deslocamento, todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime da verdade se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir” (FOUCAULT, 1987: 20 et seq.)

5.4.3 O Interrogatório *versus* o Suplício

Segundo FOUCAULT (1987: 40) *“a investigação da verdade, pelo suplício do “interrogatório” é realmente uma maneira de fazer aparecer um indício, o mais grave de todos – a confissão do culpado; mas é também a batalha, é a vitória de um adversário sobre o outro que produz ritualmente a verdade. A tortura para fazer confessar tem alguma coisa de inquérito, mas tem também de duelo”.*

“As coisas pioraram quando veio o quadro-negro com giz. Levaram as revistas, ele deixou de ler. Levaram colchão, dormiu no estrado. Já lhe haviam tirado o paletó, o dinheiro e os documentos no primeiro dia, e agora levaram-lhe os sapatos e as meias. Com o auxílio de uma escada, tiraram a lâmpada do teto e levaram. Suas noites encheram-se de treva. O homem aparecia, trocava o charuto de mão, apanhava giz e ordenava: ‘Confessa’”

(Garcia de Paiva, 1977: 23)

5.4.4 A Punição *versus* o Contexto Ideológico

Segundo FOUCAULT (1987: 46) “*o suplício não restabelecia a justiça, reativava o poder*”. É como um ritual político que o suplício judiciário, no texto, deve ser compreendido. É um cerimonial pelo qual o poder se manifesta, tendendo não só a se defender mas também, a demonstrar sua autoridade com a punição daqueles que, possivelmente, vierem violar seu poder.

É o que se pode chamar a política do medo. Uma forma de tornar o poder sensível a todos. É a manutenção da titularidade do poder.

As citações que se seguem têm como objetivo estabelecer uma correlação imediata com a forma e o conteúdo do texto.

Do leitor pretende-se uma interligação entre as citações e o encadeamento da fabulação do conto, de maneira que as inferências obtidas através deste procedimento estrutural demonstrem que o ficcional é integrado à estrutura de realidade pela experiência crítica da leitura.

“A monotonia do texto é coerente com a do suplício, que comporta em seu núcleo dramático um desenrolar monótono”.

“A relação verdade-poder é essencial a todos os mecanismo de punição. Um suplício que tivesse sido construído, mas cujo desenrolar houvesse sido secreto não seria sentido”.

“O suplício promove a articulação do escrito com o oral, do secreto com o público, com o processo de inquérito com a operação de confissão; permite que o crime seja reproduzido e voltado contra o corpo visível do criminoso. O ponto sobre o qual se manifesta o poder”.

“As pessoas não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos”.

“O folhetim e o canto do morto são a continuação do processo: ou antes, eles continuam o mecanismo pelo qual o suplício faz passar a verdade secreta e escrita do processo para o corpo ...”

“Se esses relatos podem ser impressos e postos em circulação é certamente porque se esperam deles efeitos de controle ideológico”. (FOUCAULT, 1987: 48 et seq.)

Como se pode ver, o texto possui uma personagem anônima, e porque anônima, qualquer um de nós, para ser representante do suplício judiciário; e em cujo corpo se encontrasse de forma manifesta a titularidade do poder. Para que esta titularidade se tornasse concreta é que:

“... Visitas e mais visitas haviam sido introduzidas pelo carcereiro nos três primeiros dias, sentia-se examinado como bicho raro ...” (PAIVA, 1977: 21)

“... Apareceram vários indivíduos, entraram juntos, três deles com máquinas fotográficas, tiraram retratos, falavam muito, mostraram-lhe um papel: “Conta, não seja teimoso ...” (...) Trouxeram correndo o estrado e o colchão, levaram os tamboretas e a tábua, enxugaram o chão, os fotógrafos reapareceram, tiraram mais fotografias, os outros escreviam nos blocos: “Abre o livro e pode contar com a imprensa””

(PAIVA, 1977: 24)

5.4.5 A Gradação Semiológica da Punição e do Suplício na Alma

Para a gradação semiológica da punição no corpo da personagem usamos a gradação que o próprio texto nos oferece. Desde o momento em que a personagem sente suas esperanças se arrefecerem até mesmo ao momento de sua própria morte.

O discurso do texto, como é transcrito a seguir, sugere as inferências de abandono, dor, solidão, desarticulação do tempo e total impotência diante de um cárcere em que a personagem desconhece a razão e perde, totalmente as esperanças de se ver liberta.

“... com o buquê de rosas na mão, e agora as pétalas começavam a cair...”

“... arroz, feijão e angu insossos – vinham no prato esmaltado encardido...”

“... mas a partir do terceiro dia ia deixando de cerimônias ...”

“... Quando precisou fazer uma necessidade – a primeira vez – o carcereiro custou a aparecer, ele afligiu-se no seu embaraço. Fez-se entender por mímica e o carcereiro levou-o pelo corredor a uma instalação sanitária. A mímica tornou-se mais fácil depois ...”

“... a urina secava no canto. Não havia mais revistas, nem estrado. Só as paredes, o ladrilho, o buquê de rosas despetaladas...”

“... o que eu peço voce e isso preciso minha mulher ...”

- *“...eu digo a voce quero minha filha...”*

- *“... fome ...”*

- *“... tras o colchao ...”*

- *“... frio ...”*

- *“... porque levou meu relógio ...”*

“... Organizava as tarefas da liberdade futura ...”

“... O carcereiro deixou de levá-lo à instalação, largou um urinol ali dentro ...”

“... O carcereiro levava numa só mão o urinol e o prato ...”

“... Um dia não houve café nem refeição, nada ...”

“... o carcereiro jogou água no ladrilho ...”

“... sem espaço para deitar de lado, ainda preferia o ladrilho, mesmo com os pés na água – dormia de cócoras ...”

“... fazia de conta que o prato era seu – e podia não ser – o encardido variava – havia outros presos – outras tábuas – outros urinóis ...”

- “... minha família sabe?...”

“... Sonhava com um banho ...”

“... o buquê ressecado ...”

“... beijou o buquê, deixou-o lá em cima, na grade, em lugar seguro ...”

“... Deu de tossir, a tábua machucava, era frio e sede e fome e dor, e solidão, não agüentou ...” (PAIVA, 1977: 21 et seq.)

5.4.6 Considerações Finais: – O Controle Ideológico versus A Semiótica do Texto

“... Lá estava. As fotografias, as manchetes, as notícias em várias colunas. Leu – e depois largou o jornal no chão molhado:

A comida esfriou o dia inteiro no prato, ele sentado na tábua. Na treva noturna tirou a calça e a camisa, rasgou-as, arrancou as tiras, equilibrou um tamborete sobre o outro, subiu, alcançou a grade lá em cima. O buquê emurchecido caiu do outro lado, o tamborete despencou, os soldados vieram até a porta, escutaram um instante, afastaram-se ...”
(PAIVA, 1977: 26)

Segundo Foucault (1987: 91-2):

“sob a humanização das penas, o que se encontra são todas essas regras que autorizam, melhor, que exigem a “suavidade”, como uma economia calculada do poder de punir. Mas elas exigem também um deslocamento no ponto de aplicação desse poder: que não seja mais o corpo, com o jogo ritual dos sofrimentos excessivos, das marcas ostensivas no ritual dos suplícios; que seja o espírito ou antes um jogo de representações e de sinais que circulem discretamente mas com necessidade e evidência no espírito de todos. Não mais o corpo, mas a alma,(...). E vemos bem o que se deve entender por esse termo: o correlato de uma técnica de poder. Dispensam-se as velhas «anatomias» punitivas. Mas teremos entrado por isso, verdadeiramente, na era dos castigos incorpóreos?”

“Uma linha de fuga onde se entrecruzam os temas da crítica política e as figuras do imaginário. Será necessário esperar muito tempo para que o homo criminalis se torne um objeto definido num campo de conhecimento”. (FOUCAULT, 1987: 92)

Como podemos verificar dentro da estruturação semiológica do texto, a técnica do poder através dos castigos incorpóreos, aqueles que não são vistos no corpo, mas gravados na alma, se fazem presentes.

O “homo criminalis” do texto de Garcia de Paiva é um pretexto para um aprofundamento da crítica política, um momento de análise e busca do conhecimento da verdade ideológica do poder.

5.5 Uma reflexão sobre a situação de emparedados a que todos se condicionam no contexto social em: “Botão-de-Rosa”, de Murilo Rubião

É essencial que se faça um estudo entre realismo mágico e o fantástico para a contextualização do conto.

5.5.1 O Realismo Mágico versus O Fantástico

A verosimilhança é a condição que procura tornar o texto ficcional coerente e lógico, tendo em vista a sua aproximação com outros discursos não literários como a história, os princípios religiosos, as leis sociais, enfim, tudo aquilo que constitui a realidade conhecida.

O Realismo Mágico subverte a realidade imediata de uma maneira bastante específica, uma vez que nele o que seria inverossímil, ou seja, o que não encontraria amparo no real conhecido está marcado e codificado precisamente, porque o inverossímil, se submete aos princípios das convenções e da mentalidade comunitária.

O absurdo no realismo mágico encontra sempre uma explicação em elementos extra-textuais que são aceitos e avalizados pela cultura em que tais elementos se projetam. Assim, um acontecimento insólito encontra justificativa, por exemplo, no fato de a sua ocorrência dever-se a uma intervenção de entidades sobrenaturais, como os deuses, os seres superiores etc. São dados intelectuais imaginários, sociais, morais e espirituais, que a cultura institucionaliza aberta ou secretamente.

É o maravilhoso que se manifesta na epopéia e na tragédia clássicas. É a intervenção dos deuses no plano terreno.

Como exemplo pode-se citar o episódio do Gigante Adamastor em *Os Lusíadas* de Camões, onde o insólito se justifica plenamente com o abono da mitologia.

É na mitologia que se situam os deuses responsáveis pela mirabilia, as coisas admiráveis, que poderiam causar estranheza, por serem inadmissíveis à realidade material. No entanto, tudo se acomoda num plano de aceitação, devido à forma coerente com que a religião ajusta o natural e o sobrenatural, mostrando que este último é algo explicável e perfeitamente compreensível.

O Fantástico e o Realismo Mágico, duas manifestações da ficção surrealista se diferenciam, apesar de à primeira vista apresentarem-se como algo comum.

O Fantástico possui um rosto próprio porque o passar do tempo e o desenvolvimento tecnológico modificam a coesão que se observa no relacionamento do natural com o sobrenatural.

Uma maior complexidade da cultura acaba por mostrar que as coisas não eram assim tão coerentes. A verossimilhança do contexto cultural passa a ser questionada e, por isso mesmo, muitos dados surgem, subitamente, desprovidos de sentido.

Dado que ocasiona uma ruptura da ligação da obra literária com os elementos extraliterários problematizados; daí surgindo o imprevisível, o improvável. A obra de arte não mais se interessa em apoiar-se num referente que esteja fora dela. Ela, a obra, abre-se para sua própria invenção fazendo surgir o arbitrário, o inconseqüente.

A desreligiosidade faz com que a cultura se veja incapaz de conciliar o natural e o sobrenatural, do que resulta uma situação de desequilíbrio possibilitando o aparecimento do fantástico.

O Fantástico surge em meio aos elementos contraditórios da realidade. O verossímil dá lugar ao improvável, ao inadmissível. Assim sendo, a obra fantástica privilegia o acontecimento em si e não o comportamento das personagens.

A narrativa fantástica trata do mesmo modo o natural e o sobrenatural, sem se preocupar com o exame das condições do sujeito, que nele aparece.

A lógica do fantástico se encontra no fato de que nele a posição de irrealidade parte de uma motivação realista. O insólito e o estranho ocorrem no universo familiar e o cotidiano se caracteriza pela mistura do desconhecido com o conhecido.

Conclui-se, portanto, que o fantástico é por natureza antinômico, aliando sua irrealidade primeira a um realismo segundo. Desta forma, suas personagens são isoladas, não fazem contato com o mundo.

O absurdo de suas ações se encontra segundo os princípios da realidade imediata. O Fantástico opera assim, uma fluidez das fronteiras entre o natural e o sobrenatural, o que as torna aceitáveis.

O medo que uma situação insólita e absurda pode causar ao leitor não é uma instância caracterizadora do fantástico, já que as próprias personagens não parecem importar-se com a explicação do absurdo. Assim sendo, muito menos razões têm o leitor de tomar-se do medo diante de cenas que ele presencia.

O fantástico dramatiza a distância do sujeito em relação ao real através de sua caracterização como discurso dos contrários, englobando sempre uma antinomia.

Os elementos real/irreal fazem parte de um tipo de narrativa que pode, perfeitamente, ser considerada também ao nível dos elementos razão/desrazão. É a marca da medida do real através da desmedida. Portanto, o fantástico pode também ser visto como o discurso que faz aparecer o diferente por meio do contraste.

Seguindo esse raciocínio, é fácil compreender que a antinomia comanda o fantástico. Basta, para tanto, que se tenha em mente o fato de que o fantástico não prescinde do real, mas ao contrário, precisa dele.

Deriva daí a oposição que se pode fazer entre o mundo interior, que tende para a satisfação pela ilusão, e o mundo exterior, que impõe progressivamente ao indivíduo, através do sistema perceptivo, o princípio de realidade. Nessas condições, o mundo interior está habitado por fantasmas que constituem uma realidade psíquica. Embora distinta da realidade material, a realidade psíquica estrutura-se de forma tão particular que é preciso vê-la como um tipo de existência especial, uma vez que a vida fantasmática do indivíduo apresenta-se de forma estável, sendo, portanto, dotada de eficácia e de um caráter relativamente organizado.

Dessa forma, a narrativa fundada no fantástico passa ao questionamento do real e da razão, na medida em que mostra aquele como um mundo em que predomina o que a cultura estabelece como normal e esta como uma instância que deve orientar os comportamentos ditados pelo sistema social.

“Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano”. (FOUCAULT, In: GOULART, 1995: 42)

Michel Foucault determina claramente esse aspecto, ao estudar a experiência que o classicismo tem da loucura, indicando como no final da Idade Média a figura do louco e a loucura são apresentadas de forma a mostrar o grande desatino do mundo e o medíocre ridículo dos homens. Isso propicia o aparecimento de uma literatura interessada em ver a loucura de um modo diferente, um modo em que ela se apresente como um instrumento de crítica. Desta maneira, ao invés de mostrar o louco como o indivíduo marginalizado e ridículo, o apresenta como alguém que detém a verdade.

Desse modo, percebe-se que razão e desrazão tornam-se conceitos relativos, que se misturam e quase não se diferenciam.

O fantástico está mais interessado em mexer com a realidade do leitor do que com a ficção propriamente dita. Os contos fantásticos trazem a referência aos textos dos códigos e da constituição. É outra amostra do que representam as leis, sempre consideradas como instrumento da opressão dos poderosos sobre os mais fracos, os desprotegidos. Questionam ainda, a proposta conhecida de que se devem estabelecer limites claros entre razão e desrazão, mostrando como ambas não passam de conceitos pré-estabelecidos e sem qualquer fundamentação que as torne distintas e precisas.

O fantástico questiona o sadismo do sentimento dos que promovem as guerras, dos que oprimem os mais fracos, dos que exploram o poder econômico alastrando a miséria e produzindo o sofrimento. Questiona a violência urbana que atemoriza as pessoas, a tortura exercida contra o cidadão pelos regimes autoritários. Denuncia as atitudes de pessoas que, com a concordância dos indivíduos, praticam atos que destroem e espantam e, ainda assim, são absorvidas pela comunidade. Procura afastar tudo o que seja dogmático, na preocupação de mostrar realidades subentendidas, que não se explicitam automaticamente.

Assim, provoca-se o leitor, levando-o a assumir uma verdade: a de que os limites da racionalidade, que foi problematizado pelo insólito, são os limites do próprio homem.

A superdimensão dos acontecimentos que o fantástico produz na narrativa representa para o leitor a possibilidade de se encontrarem fórmulas que rompam a falsidade e as máscaras do discurso consciente, do comportamento social estereotipado.

5.5.2 Botão de Rosa versus Sujeito da Leitura

Em Botão-de-Rosa (Anexo D), apresenta-se a vida de um indivíduo que é condenado à morte, acusado de ter engravidado todas as mulheres de uma cidade.

Levado a julgamento, José Inácio, tem como advogado um jovem inexperiente que fora nomeado para dar aparência de legalidade ao processo e que, fica perplexo ao examinar a peça acusatória.

Constata-se, ainda, que o juiz, além de autoridade constituída, é o dono do lugar, real proprietário da maior parte das casas, dos prédios públicos, da companhia telefônica, do cinema, das duas farmácias, além de ser o proprietário de cinco fazendas, do matadouro e da empresa funerária.

Esse indivíduo decide que *Botão-de-Rosa* deve ser processado por tráfico de drogas.

Ao ler o Código de Processo Penal, José Inácio pensa ter nas mãos uma edição falsificada, tais são os absurdos que nele estão expressos.

Ao comprar, numa livraria, uma cópia da Constituição e todos os Códigos, o advogado fica ainda mais assustado com a preocupação em se cercear a defesa dos transgressores das leis penais, prevendo, inclusive, a pena de morte.

“José Inácio ficou boquiaberto: Pena de morte! Ela fora abolida cem anos atrás! Ou teria estudado em outros livros?” (RUBIÃO, 1994: 55)

Quando *Botão-de-Rosa* é levado ao tribunal, a multidão pede o seu linchamento, agredindo-o e ameaçando seu advogado.

No julgamento, José Inácio faz referência ao fato de que a mudança da acusação, do crime de estuprador para o de traficante, deve-se ao receio de se caracterizar a cidade com um antro de cornos.

Botão-de-Rosa é, então, condenado, e seu advogado, temendo ser molestado, caso recorra, não apela à instância superior.

Na narrativa, percebe-se uma significativa semelhança entre a personagem e a figura de Cristo, tanto na aparência – sua cabeleira, sua barba, suas vestes – quanto na humilde resignação com que *Botão-de-Rosa* se oferece ao sacrifício, entregando o pescoço ao carrasco.

“Os soldados, à sua espera numa das salas da delegacia, conduziram-no ao local da execução. Caminhada áspera, na qual se empenhou em seguir firme, os ombros erguidos.

Do alto do patíbulo, na praça vazia, pela primeira vez lhe pesava a solidão. E os companheiros? E Taquira?

Abaixou a cabeça: esquecerão, sempre esquecemos.

Jogou longe a capa e, desnudo, ofereceu o pescoço ao carrasco.” (RUBIÃO, 1994: 57)

O absurdo que caracteriza a desrazão de *Botão-de-Rosa* importa menos pelo que ela tem do absurdo em si e mais porque representa um nível profundo de leitura.

O mundo autista de *Botão-de-Rosa*, bem pode representar, na narrativa, uma espécie de denúncia que se pretende fazer contra a punição que a sociedade exige para todos aqueles que, movidos pelo seu mundo interior, têm um comportamento diferente no contexto social.

Dessa forma, a narrativa, fundada no fantástico, passa ao questionamento do real e da razão, na medida em que mostra aquele como um mundo em que predomina o que a cultura estabelece, como normal e esta como uma instância que deve orientar os comportamentos ditados pelo sistema social.

Nessas condições, o desequilíbrio e a alienação de *Botão-de-Rosa* funcionam como o outro lado da razão, na medida em que analisamos a posição de seus acusadores. São eles indivíduos normais?

Deixando de lado o absurdo da acusação inicial (o estupro de todas as mulheres da cidade), ainda assim, se vê como todos os cidadãos estão tomados pela desrazão, o que se explica pelo fato de acreditarem na acusação ou, então, pela fúria assassina que os invade.

5.5.3 – Considerações Finais

Através da análise do conto, percebe-se que razão e desrazão tornam-se conceitos relativos, que se misturam e quase não se diferenciam. Pode-se pensar, portanto, que o conto está mais interessado em mexer com a realidade do leitor do que com a ficção propriamente dita. É o que se observa quando o leitor faz o texto interagir com a história. No conto, *Botão-de-Rosa* lembra a figura de Cristo. A história sagrada mostra que Jesus foi considerado, pelo povo de sua época, um visionário, um alucinado que pregava a utopia e o desatino.

Revela-nos ainda como Cristo foi acusado, perseguido, crucificado e, apesar de toda a insensatez de seus acusadores, procedeu com grande tranquilidade e dignidade, sabendo que estava no mundo para cumprir uma missão que lhe fora confiada. Renunciando à própria salvação, diz-nos a história que Cristo, o Todo-Poderoso, o grande operador de milagres, nada fez senão aceitar, com grandiosidade, as acusações e a própria morte. Se se perguntar, hoje, quem manifesta sinais

evidentes de desrazão, a história não hesita em apontar os romanos como os grandes insensatos, os desequilibrados.

Por outro lado, a figura do juiz, no conto, é a própria imagem do autoritarismo, do indivíduo que detém o poder e que manipula a justiça. Tal figura é o exemplo da autoridade que exorbita, tão comum no cotidiano de todos. Fica claro que essa autoridade não representa a razão, mas, ao contrário, é o exemplo perfeito da desrazão.

A referência aos textos dos Códigos e da Constituição é outra amostra do que representam as leis, sempre consideradas como instrumentos da opressão dos poderosos sobre os mais fracos, os desprotegidos. Por tudo isso, pode-se dizer que o conto questiona a proposta conhecida de que se devem estabelecer limites claros entre razão e desrazão, mostrando como ambas não passam de conceitos pré-estabelecidos e sem qualquer fundamentação que as torne distintas e precisas.

É o caso pois, de se perguntar se não seria sádico o sentimento dos que promovem as guerras, dos que oprimem os mais fracos, dos que exploram o poder econômico, alastrando a miséria e produzindo sofrimento? E o que dizer da violência urbana, que atemoriza as pessoas, e da tortura exercida contra os cidadãos pelos regimes autoritários?

CAPÍTULO VI CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Conclusões

A arte e a ciência são formas desenvolvidas de reflexo, de recepção, na realidade objetiva dos homens. Elas se constituem lentamente durante a evolução histórica e se diferenciam incessantemente.

Por meio da arte, neste trabalho expresso pela linguagem literária, busca-se o reflexo da própria vida cotidiana – a consciência do homem comum. É através da consciência que provém a necessidade humana de se objetivar e ir além de seus limites habituais. Com isso a vida social dos homens é permanentemente enriquecida.

O estudo das origens, das formas de consciência científica e artística, parte da discussão da relação entre sujeito e objeto.

Para se demonstrar essa relação, é elemento significativo de motivação, a apresentação, o registro e a qualificação de forma científica de uma prática pedagógica. Prática pedagógica essa, que se transforma em elemento de consciência, inteligência e conhecimento.

Busca-se demonstrar que é através da linguagem que o sujeito se constrói e se inscreve na cultura, no social e no político.

A linguagem e sua relação intrínseca com a realidade construindo, através de micro-textos, um hipertexto que possibilita uma análise sócio-filosófico-política e cultural além de uma visão mais lúcida de mundo.

Para se atingir esses objetivos são escolhidos nesta pesquisa contos capazes de viabilizar e/ou justificar o instrumental teórico aplicado. Percebe-se no corpo deste

trabalho uma característica fragmentária que estabelece um processo dialógico com o próprio objetivo do mesmo, ou seja, através de micro-textos ou contos, chegar-se à construção de um hipertexto com as configurações e/ou conclusões da pesquisa.

Através da práxis ou relação operacional entre expressão e conteúdo desses micro-textos e dos instrumentais teóricos usados são decodificados os mecanismos lingüísticos, semiológicos e textuais.

No entanto, salienta-se que pode-se encontrar mais de um texto em cada texto porque, enquanto elemento dinâmico, o discurso formador do hipertexto não perde suas características de composição, ou seja, os nós, nós cegos e indissociáveis. Porque é o intertexto que, além da consciência do Eu, responde pelo texto.

A partir das técnicas apresentadas neste trabalho busca-se obsessivamente um leitor, que se deseja crítico, que opere através das propostas de leitura dos micro-textos a tessitura final de um hipertexto.

O leitor é colocado diante de uma representação de um discurso historicamente construído. As personagens vivem as atribulações da condição humana, portanto, têm para o leitor, um valor tanto documental, quanto evocativo. A força evocativa deve-se ao fato de que, na arte, o passado é feito presente e, quando, fundamento de práxis, transforma-se em elemento de consciência, inteligência e conhecimento.

É um passado, que atualizado, não diz respeito somente à vida anterior de cada indivíduo. O que é posto em relevo é o caráter social da personalidade humana.

Ocorre, assim, uma elevação da subjetividade ao campo concreto da particularidade, ao momento determinado do autodesenvolvimento do gênero humano retratado pela arte.

A visão interpretativa dos textos e dos fatos neles contidos busca uma consciência crítica e também a percepção dos elementos subjacentes a esse

conhecimento. Entende-se que consciência crítica não pode ser uma estrutura abstrata, nem apenas uma entidade teórica; mas um momento teórico de uma prática crítica. É o que se pode chamar de inteligência da prática.

A pluralidade dos elementos culturais subjacentes da maneira pessoal de ver o mundo não pode estar dissociada dessa mesma prática.

Fica, no entanto, uma dor do incompleto, a certeza de que a consciência se deriva em relação ao jogo das inscrições, das marcas que nos fazem bio, psíquica e socialmente.

6.2 Recomendações

O presente trabalho contempla uma análise sócio-filosófica-cultural em busca de uma consciência crítica através da formação de um hipertexto.

A pesquisa apresentada deixa como sugestão um exercício de literatura comparada tendo como ponto de referência inicial algumas obras significativas do pré-modernismo que tenham estrutura dialógica com o modernismo e o pós-modernismo. Entende-se por dialógica as características de denúncia da realidade brasileira, a negação de uma sociedade idealizada e romântica.

O hipertexto derivado deste trabalho de pesquisa deve diminuir a distância entre a realidade, o real e a ficção. Deve ainda, proporcionar consciência crítica, não apenas de obras literárias, mas, também, dos meios utilizados pela mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. Epistemologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 196p.
- BARTHES, Roland. KRISTEVA, Julia. et. al. Linguística e Literatura. São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1968.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. Psicanálise e Literatura. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BELO, Fernando. Filosofia e Ciências da Linguagem. Edições Colibri, 1993.
- BERGSON, Henri. O riso – Ensaio sobre a significação do cômico. Ed. Zahar. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. 1983.
- BRUNEL, Pierre (Org.) et. al. Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: UnB José Olympio, 1998.
- CASTRO, Eliana de Moura. Psicanálise e Linguagem. São Paulo: Ática, 1992.
- CHOMSKY, Noam. Reflexões sobre a Linguagem. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COSTA, Carlos Irineu (Trad.). In: LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. Ed. 34, 1993.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 510p.
- FABIANA, Ângela. Hermenêutica. In: SAMUEL, Rogel (Org.) Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 407p.
- _____. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551p.
- _____. Vigiar e Punir. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 277p.
- _____. Doença Mental e Psicologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 99p.
- _____. História da Sexualidade I, A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- _____. Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões. Petrópolis: Vozes, 1987, 15ª. ed.
- FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Compreensão. As representações que construímos sobre a realidade. Consciência. Texto xerocopiado s/d.
- FONSECA, Rubem. O Cobrador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

- GOULART, Audemaro Taranto. O Conto Fantástico de Murilo Rubião. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- GREIMAS, A. J. Semiótica e Ciências Sociais. LORENCINI, Álvaro e NITRINI, Sandra (trad.). São Paulo: Cultrix, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. El Ser y El Tiempo. 2^a. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- JAUSS, Hans Robert. *A Estética da Recepção: Colocações Gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). A Literatura e o Leitor. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- KHUN, T. The structure of Scientific Revolutions. 2 ed. Chicago: University of Chicago, 1977.
- LÉVY, Pierre. *Narrative Screenwriting for Educational Television: a framework*. *Journal of Educational Television*, vol. 17, no. 03, 1991.
- LOBO, Luiza. *Estética da Recepção*. In: SAMUEL, Rogel (Org.). Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LADEIRA, Julieta de Godoy (Org.). Contos Brasileiros Contemporâneos. Coleção Travessia. Ed. Moderna. São Paulo. 1995.
- MARX, K. Manuscritos: Economia y Filosofía. 11 ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985. 250p.
- MORAN, José Manuel. *Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento*. In: Revista Brasileira de Comunicação. Vol. XVII no.2 p.38-49, São Paulo, 1994. Texto xerocopiado.
- PAIVA, Garcia de. Os Agricultores Arrancam Paralelepípedos. São Paulo: Ática, 1977.
- POPPER, K. Conhecimento Objetivo. São Paulo: Editora Itatiaia Ltda, 1975. 394p.
- SAMUEL, Rogel (Org.) Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983, 1^a. ed.
- SHAKESPEARE, William. The Complete Works. Collins London and Glasgow, 1970.
- SILVA, D. J. Uma abordagem Cognitiva ao Planejamento Estratégico. Florianópolis, UFSC. Tese de Doutorado, 1998.
- SILVA, A. Vasconcelos da. *Semiótica Literária*. In: SAMUEL, Rogel (Org.) Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SOARES, A.M.S. *A Crítica*. In: SAMUEL, Rogel (Org.) Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SPINA, Segismundo. Introdução à Poética Clássica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VARELA, F; THOMPSON, E; ROSCH, E. The embodied mind. Cambridge, MIT, 1997.

VIEITEZ, Ely. Laboratório de Literatura. São Paulo: Estrutural, 1978. BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. LIKSTEIN, Izidoro (trad). São Paulo: Cultrix, 1992, 15^a. ed.

WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira Editora, 1967.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. Epistemologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 196p.
- BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e obra. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1996.
- BARTHES, Roland. KRISTEVA, Julia. et. al. Linguística e Literatura. São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1968.
- _____. Mitologias. Difel. São Paulo. 1972.
- _____. Elementos de Semiologia. LIKSTEIN, Izidoro (trad). São Paulo: Cultrix, 1992, 15^a. ed.
- BELO, Fernando. "Filosofia e Ciências da Linguagem". Edições Colibri, 1993.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. Psicanálise e Literatura. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BERGSON, Henri. O riso – Ensaio sobre a significação do cômico. Ed. Zahar. 2^a. Ed. Rio de Janeiro. 1983.
- BRUNEL, Pierre (Org.) et. al. Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: UnB José Olympio, 1998.
- CASTRO, Eliana de Moura. Psicanálise e Linguagem. São Paulo: Ática, 1992.
- CHAGAS, Henrique. Subsídios Filosóficos-Culturais para a Formação da Consciência Crítica. www.verdestrigos.com.br/vtconsc.htm, agosto 2000
- CHOMSKY, Noam. Reflexões sobre a Linguagem. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COSTA, Carlos Irineu (Trad.). In: LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. Ed. 34, 1993.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 510p.
- DÜRKHEIM, E. Regras do Método Sociológico. 6^a ed, São Paulo: Editora Nacional, 1982
- DUVAL, F., MACHER, J.P., MOKRANI, M.C. Difference between evening and morning thyrotropin responses to protirelin in major depressive episode. Arch.Gen. Psychiatry, Chicago, v.47, p. 443-448, 1990.
- FIALHO, F.A.P. e SANTOS, N. Manual de Análise Ergonômica. Curitiba: Gêneses Editora, 1995.
- FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Compreensão. As representações que construímos sobre a realidade. Texto xerocopiado s/d.
- _____. Consciência. Texto xerocopiado s/d.
- _____. Conhecimentos, lembranças puras, lembranças imagens.

FIKER, Raul (Trad.). In: GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. Ed. UNESP, 1991. cap. I, ps. 11-60.

FONSECA, Rubem. O Cobrador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 407p.

_____. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551p.

_____. Vigiar e Punir. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 277p.

_____. Doença Mental e Psicologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 99p.

_____. História da Sexualidade I, A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões. Petrópolis: Vozes, 1987, 15^a. ed.

FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise; Teoria Geral das Neuroses- I. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, 153p.

FREUD, S. O Mal Estar na Civilização - Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI, 320 p.

FROMM, Erich. Psicanálise da sociedade contemporânea. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 347 p.

GOULART, Audemaro Taranto. O Conto Fantástico de Murilo Rubião. Belo Horizonte: Lê, 1995.

GREIMAS, A. J. Semiótica e Ciências Sociais. LORENCINI, Álvaro e NITRINI, Sandra (trad.). São Paulo: Cultrix, 1989.

GUYTON, A.C. Tratado de Fisiologia Médica. 5 ed. Rio de Janeiro: Interamericana,

HEGENBERG, Leônidas. Semiótica e Filosofia: Textos escolhidos de Charles Sanders Pierce. MOTTA, Octanny Silveira da (trad.). São Paulo: Cultrix, 1975, 2^a. ed.

KHUN, T. The structure of Scientific Revolutions. 2 ed. Chicago: University of Chicago, 1977.

LADEIRA, Julieta de Godoy (Org.). Contos Brasileiros Contemporâneos. Coleção Trarlessia. Ed. Moderna. São Paulo. 1995.

LANE, Silvia T. Maurer. O que é Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LIMA, Luiz Costa (Org.). A Literatura e o Leitor. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

- LOBO, Luiza. *Estética da Recepção*. In: SAMUEL, Rogel (org.). Manual de Teoria Literária. Patrópolis: Vozes: 1999.
- MARX, K. Manuscritos: Economia y Filosofía. 11 ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985. 250p.
- MASLOW, A.H. A theory of human motivation. Psychological Review,
- MORAN, José Manuel. *Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento*. In: Revista Brasileira de Comunicação. Vol. XVII no.2 p.38-49, São Paulo, 1994. Texto xerocopiado.
- PAIVA, Garcia de. Os Agricultores Arrancam Paralelepípedos. São Paulo: Ática, 1977.
- PIGNATARI, Décio. Semiótica & Literatura. São Paulo: Cultrix, 1987, 3^a. ed.
- POPPER, K. Conhecimento Objetivo. São Paulo: Editora Itatiaia Ltda, 1975. 394p.
- ROSA, Guimarães. Grandes Sertões: Veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- SAMUEL, Rogel (Org.) Manual de Teoria Literária. 12^a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983, 1^a. ed.
- VELÁSQUEZ, Diego. Mestres da Pintura. São Paulo: Abril Cultural, 1977.
- VIANNA, Marco Aurélio. Que crise é esta? Rio de Janeiro : Qualitymark, 1994.
- VIEITEZ, Ely. Laboratório de Literatura. São Paulo: Estrutural, 1978. BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. LIKSTEIN, Izidoro (trad). São Paulo: Cultrix, 1992, 15^a. ed.
- WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira Editora, 1967.

ANEXOS

ANEXO A

CIRCUITO FECHADO (1)

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo.

Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga; pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

CIRCUITO FECHADO (2)

Dentes, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão. A memória intermediária, não a de muito longe nem a de ontem. Parentes, amigos, por morte, distância, desvio. Livros, de empréstimo, esquecimento e mudança. Mulheres também, com os seus temas. Móveis, imóveis, roupas, terrenos, relógios, paisagens, os bens da infância, do caminho, do entendimento. Flores e frutos, a cada ano, chegando e se despedindo, quem sabe não virão mais, como o jasmim no muro, as romãs encarnadas, os pés-de-pau. Luzes, do candeeiro ao vaga-lume. Várias vozes, conversando, contando, chamando, e seus ecos, sua música, seu registro. O alfinete das primeiras gravatas e o sentimento delas. A letra de canções que foram importantes. Um par de alpercatas, uns sapatos pretos de verniz, outros marrons de sola dupla. Todas as descobertas, no feitio de crescerem e se reduzirem depois, acomodadas em convívio, costume, a personagem, o fato, a amiga. As idéias, as atitudes, as posições, com a sua revisada, apagada consciência. O distintivo sem cor nem formato. Qualquer experiência, de profissão, de gosto, de vida, que se nivela incorporada, nunca depois, quando é preciso tomá-la entre os dedos como um fio e atá-la. Os bondes, os trilhos. As caixas-d'água, os cata-ventos. Os porta-chapéus, as cantoneiras. Palavras, que foram saindo, riscadas, esquecidas. Vaga praia, procissão, sabor de milho, manhã, o calor passado não adormecia. Um cheiro urbano, depois da chuva no asfalto, com o namoro que arredondava as árvores. Ansiedade, ou timidez, mais antes e após, sons que subiam pela janela entrando muito agudos, ou muito mornos. Sino, apito de trem. Os rostos, as páginas. Lugares. lacunas. Por que não

instantes? As sensações, todas as de não guardar. O retrato mudando na parede. no espelho. Desbotando. Os dias, não as noites, são o que mais ficou perdido.

CIRCUITO FECHADO (3)

Muito prazer. Por favor, quer ver o meu saldo? Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Penso que sim. Este mês, não, fica para o outro. Desculpe, não me lembrei. Veja logo a conta, sim? É pena, mas hoje não posso, tenho um jantar. Vinte litros, da comum. Acho que não. Nas próximas férias, vou até lá, de carro. Gosto mais assim, com azul. Bem, obrigado, e você? Feitas as contas, estava errado. Creio que não. Já, pode levar. Ontem aquele calor, hoje chovendo. Não, filha. não é assim que se faz. Onde está minha camisa amarela? Às vezes, só quando faz frio. Penso que não. Vamos indo, naquela base. Que é que você tem? Se for preciso, dou um pulo aí. Amanhã eu telefono e marco, mas fica logo combinado, quase certo. Sim, é um pessoal muito simpático. Foi por acaso, uma coincidência. Não deixe de ver. Quanto mais quente melhor. Não, não é bem assim. Morreu, coitado, faz dois meses. Você não reparou que é outra? Salve, lindos pendões. Mas que esperança. Nem sim, nem não, muito pelo contrário. Como é que eu vou saber? Antes corto o cabelo, depois passo por lá. Certo. Pra mim, chega. Espere, mais tarde nós vamos. Aí foi que ele disse, não foi no princípio; quem ia adivinhar? Deixe, vejo depois. Sim, durmo de lado, com uma perna encolhida. O quê? É, quem diria. Acredito que sim. Boa tarde, como está o senhor? Pague duas, a outra fica para o mês que vem. Oh, há quanto tempo! De lata e bem gelada. Perdoe, não tenho miúdo. Estou com pressa. Como é que pode, se eles não estudam? Só peço que não seja nada. Estou com fome. Não

vejo a hora de acabar isto, de sair. Já que você perdeu o fim de semana, por que não vai pescar? É um chato, um perigo público. Foi há muito tempo. Tudo bem; tudo legal? Gostei de ver. Acho que não, penso que não, creio que não. Acredito que sim. Claro, fechei a porta e botei o carro pra dentro. Vamos dormir? É, leia que é bom. Ainda agosto e esse calor. Me acorde cedo amanhã, viu?

CIRCUITO FECHADO (4)

Ter, haver. Uma sombra no chão, um seguro que se desvalorizou, uma gaiola de passarinho. Uma cicatriz de operação na barriga e mais cinco invisíveis, que doem quando chove. Uma lâmpada de cabeceira, um cachorro vermelho, uma colcha e os seus retalhos. Um envelope com fotografias, não aquele álbum. Um canto de sala e o livro marcado. Um talento para as coisas avulsas, que não duram nem rendem. Uma janela sobre o quintal, depois a rua e os telhados, tudo sem horizonte. Um silêncio por dentro, que olha e lembra, quando se engarrafam o trânsito, os dias, as pessoas. Uma curva de estrada e uma árvore, um filho, uma filha, um choro no ouvido, um recorte que permanece, e todavia muda. Um armário com roupa e sapatos, que somente veste, e calçam, e nada mais, Uma dor de dente, uma gargalhada, felizmente breves. Um copo de ágata, sem dúvida amassado. Uma cidade encantada, mas seca. Um papel de embrulho e cordão, para todos os pacotes, a cada instante. Uma procuração, um recuo, uma certeza, que se diluem e confundem, se gastam, e continuam. Um gosto de fruta com travo, um tostão guardado, azinhavrado, foi sempre a menor moeda. Uma régua de cálculo, nunca aprendida. Um quiosque onde se vendia garapa, os copos e as garrafas com o seu brilho de noite. Uma gaveta, uma gravura, os guardados de chave e de parede. Um caminhar de cabeça baixa, atento aos buracos da calçada. Um diabo solto. uma prisão que o segura, um garfo e uma

porta. Um rol de gente, de sonho com figuras, que passa, que volta, ou se some sem anotação. Uma folhinha, um relógio. muito adiantados. Uma hipermetropia que não deixa ver de perto, é necessário recuar as imagens até o foco. Um realejo que não soube aos sete anos, uma primeira alegria aos quatorze, uma unha encravada e um arrepio depois. Uma fábrica de vista, um descarregador de algodão, uma usina com a tropa de burros, são os trechos de paisagem com e sem raiz. Um morto, uma dívida, um conto com história. Um cartão de identidade cinzento e uma assinatura floreada, só ela. Um lugar à mesa. Uma tristeza, um espanto, as cartas do baralho. passado, presente e futuro. onde estão'? Uma resposta adiada. Uma vida em rascunho, sem tempo de passar a limpo.

CIRCUITO FECHADO (5)

Não. Não foi o belo, quase nunca, nem ao menos o bonito, porque tudo se veio esgarçando em rotina, sombra com vazio. Não foi o plano, o projeto, a lucidez conduzindo, já que o mistério se fez magia e baralhou os búzios da vontade. Não foi o imaginado, o sonhado, mas a verdade miúda e comovida sem ter de quê. Não foi o tempo que abarca vastamente, não, deve ser o que se conta aos pedaços, reconta, em mesquinha soma, e medrosa. Não foi o prometido, o esperado, antes foram os enganos, os engodos, os adiamentos sempre roubos, pequenos e de importância. Não foi nada útil, ou de se repartir, apenas o de guardar para comer sozinho. Não foi o brilhante, de anel e de relâmpago, simplesmente a luz no vidro. Não foi o bom, foi o barato, não foi o alegre, foi o pouco a pouco, não foi o claro, foi o difuso, pois os encargos chegam logo, e se aprendem, e ficam. Não foi o momento certo, a maior parte aconteceu de repente, ou cedo, ou tarde, afinal não se repetiu. Não foi a viagem, a longa, larga viagem, de recordar, rever, que as paradas e os horários

dividiram muito o roteiro, partiram, nublaram, não devolveram. Não foi o encontro nem a sua memória, não foi a paisagem nem o esquecimento, foi esse passar de pessoas e o seu reverso de imóvel, que se isola e não fala, porque não adianta. Não foi a cidade mas a rua, não foi a figura mas a boca, não foi a chuva mas a calha. Não foi o campo, nem a mata, o morro, nem o rio, a relva, nem árvore nem verde, foi a janela de trem, de carro, de longe. Não foi o livro aberto, a oração disfarçada, a primeira lição. Não foi a lâmpada, o linho, a lenda. Não foi a casa, o quintal, o corredor com portas e pé-direito. Não foi o que vem de dentro, e sim o que bate, não se anuncia, e força, abre, e entra. Não foi o pacífico, o sem tumulto, foi até mesmo a guerra, ou melhor o combate, a olhos escaramuça, perdidos de mãos nuas, limpas, as armas brancas. Não foi o amor, a certeza, o amanhã, foram as palavras que representam, a idéia de, o conceito, enfim a sua redução. Não foi pouco nem muito, foi igual. Não foi sempre, nem faltou, foi mais às vezes. Não foi o que, foi como e onde, e quando. Não, não foi.

ANEXO B
O COBRADOR
(Rubem Fonseca)

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, *Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente*. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui – e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso. São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele, – que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou

branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem bolas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebentar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande cheia de merda.

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta.

* * *

A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo. Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulhinho das moedas me irrita. Rua Marechal Floriano, casa de armas, farmácia, banco, china, retratista, Light, vacina, médico, Ducal, gente aos montes. De manhã não se consegue andar na direção da Central, a multidão vem rolando como uma enorme lagarta ocupando toda a calçada.

* * *

Me irritam esses sujeitos de Mercedes. A buzina do carro também me aporrinha, Ontem de noite eu fui ver o cara que tinha uma Magnum com silenciador para vender na Cruzada, e quando atravessava a rua um sujeito que tinha ido jogar

tênis num daqueles clubes bacanas que tem por ali tocou a buzina. Eu vinha distraído pois estava pensando na Magnum, quando a buzina tocou. Vi que o carro vinha devagar e fiquei parado na frente.

Como é?, ele gritou.

Era de noite e não tinha ninguém perto. Ele estava vestido de branco. Saquei o 38 e atirei no pára-brisa, mais para estrunchar o vidro do que para pegar o sujeito. Ele arrancou com o carro, para me pegar ou fugir, ou as duas coisas. Pulei pro lado, o carro passou, os pneus sibilando no asfalto. Parou logo adiante. Fui até lá. O sujeito estava deitado com a cabeça para trás, a cara e o peito cobertos por milhares de pequeninos estilhaços de vidro. Sangrava muito de um ferimento feio no pescoço e a roupa branca dele já estava toda vermelha.

Girou a cabeça que estava encostada no banco, olhos muito arregalados, pretos, e o branco em volta era azulado leitoso, como uma jabuticaba por dentro. E porque o branco dos olhos dele era azulado eu disse – você vai morrer, ô cara, quer que eu te dê o tiro de misericórdia?

Não, não, ele disse com esforço, por favor.

Vi da janela de um edifício um sujeito me observando. Se escondeu quando olhei. Devia ter ligado para a polícia.

Saí andando calmamente, voltei para a Cruzada. Tinha sido muito bom estraçalhar o pára-brisa do Mercedes. Devia ter dado um tiro na capota e um tiro em cada porta, o lanterneiro ia ter que rebolar.

* * *

O cara da Magnum já tinha voltado. Cadê as trinta milhas? Põe aqui nesta mãozinha que nunca viu palmatória, ele disse. A mão dele era branca, lisinha, mas a

minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes.

Também quero comprar um rádio, eu disse pro muambeiro.

Enquanto ele ia buscar o rádio eu examinei melhor a Magnum. Azeitadinha, e também carregada. Com o silenciador parecia um canhão.

O muambeiro voltou carregando um rádio de pilha. É japonês, ele disse.

Liga para eu ouvir o som.

Ele ligou.

Mais alto, eu pedi.

Ele aumentou o volume.

Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf.

* * *

Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol.

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar.

Meu arsenal está quase completo: tenho a Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, duas navalhas, uma carabina 12, um Taurus 38 capenga, um punhal e um facão. Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só. Vi no cinema, num desses países asiáticos, ainda no tempo dos ingleses, um ritual que consistia em cortar a cabeça de um animal, creio que um búfalo, num golpe único. Os oficiais ingleses presidiam a cerimônia com um ar de enfado, mas os decapitadores eram verdadeiros artistas. Um golpe seco e a cabeça do animal rolava, o sangue esguichando.

* * *

Na casa de uma mulher que me apanhou na rua. Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade. Ela me pede que recite um poema meu. Eis: Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/ dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais./

Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende. Continuo: Sabia sambar e cair na paixão/ e rolar pelo chão/ apenas por pouco tempo./ Do suor do seu rosto nada fora construído./ Queria morrer com ela,/ mas isso foi outro dia,/ ainda outro dia./ No cinema Íris, na rua da Carioca/ o Fantasma da Ópera/ Um sujeito de preto,/ pasta preta, o rosto escondido,/ na mão um lenço branco imaculado,/ tocava punheta nos espectadores;/ na mesma época, em Copacabana,/

um outro/ que nem apelido tinha,/ bebia o mijo dos mictórios dos cinemas/ e o rosto dele era verde e inesquecível./ A História é feita de gente morta/ e o futuro de gente que vai morrer./ Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela é forte, resistirá./ Resistiria também, se fosse fraca./ Agora você, não sei./ Você fingiu tanto tempo, deu socos e gritos, embustou/ Você está cansado,/ você acabou/ não sei o que te mantém vivo./

Ela não entendia de poesia. Estava solo comigo e queria fingir indiferença, dava bocejos exasperados. A farsanteza das mulheres.

Tenho medo de você, ela acabou confessando.

Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finhas na revista Vogue.

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário.

Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida.

Acabar com ela? Eu nunca havia esganado ninguém com as próprias mãos. Não tem muito estilo, nem drama, esganar-se alguém, parece briga de rua. Mesmo assim eu tinha vontade de esganar alguém, mas não uma infeliz daquelas. Para um Zé-ninguém, só tiro na nuca?

Tenho pensado nisso, ultimamente. Ela tinha tirado a roupa: peitos murchos e chatos, os bicos passas gigantes que alguém tinha pisado; coxas flácidas com nódulos de celulite, gelatina estragada com pedaços de fruta podre.

Estou toda arrepiada, ela disse.

Deitei sobre ela. Me agarrou pelo pescoço sua boca e língua na minha boca, uma vagina viscosa, quente e olorosa.

Fodemos.

Ela agora está dormindo.

Sou justo.

* * *

Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo.

Faço um poema denominado Infância ou Novos Cheiros de Buceta com U:
Eis-me de novo/ ouvindo os Beatles/ na Rádio Mundial/ às nove horas da noite/ num quarto/ que poderia ser/ e era/ de um santo mortificado/ Não havia pecado/ e não sei por que me lepravam/ por ser inocente/ ou burro/ De qualquer forma/ o chão estava sempre ali/ para fazer mergulhos./ Quando não se tem dinheiro/ é bom ter músculos/ e ódio./

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

* * *

Da rua vejo a festa na Vieira Souto, as mulheres de vestido longo, os homens de roupas negras. Ando lentamente, de um lado para o outro na calçada, não quero despertar suspeitas e o facão por dentro da calça, amarrado na perna, não me deixa andar direito. Pareço um aleijado, me sinto um aleijado. Um casal de meia-idade passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna.

Da calçada vejo os garçons servindo champanha francesa. Essa gente gosta de champanha francesa, vestidos franceses, língua francesa.

Estava ali desde as nove horas, quando passara em frente, todo municiado, entregue à sorte e ao azar, e a festa surgira.

As vagas em frente ao apartamento foram logo ocupadas e os carros dos visitantes passaram a estacionar nas escuras ruas laterais. Um deles me interessou muito, um carro vermelho e nele um homem e uma mulher, jovens e elegantes. Caminharam para o edifício sem trocar uma palavra, ele ajeitando a gravata borboleta e ela o vestido e o cabelo. Prepararam-se para uma entrada triunfal mas da calçada vejo que a chegada deles foi, como a dos outros, recebida com desinteresse. As pessoas se enfeitam no cabeleireiro, no costureiro, no massagista e só o espelho lhes dá, nas festas, a atenção que esperam. Vi a mulher no seu vestido azul esvoaçante e murmurei – vou te dar a atenção que você merece, não foi à toa que você vestiu a sua melhor calcinha e foi tantas vezes à costureira e passou tantos cremes na pele e botou perfume tão caro.

Foram os últimos a sair. Não andavam com a mesma firmeza e discutiam irritados, vozes pastosas, enroladas.

Cheguei perto deles na hora em que o homem abria a porta do carro. Eu vinha mancando e ele apenas me deu um olhar de avaliação rápido e viu um aleijado inofensivo de baixo preço.

Encostei o revólver nas costas dele.

Faça o que mando senão mato os dois, eu disse.

Para entrar de perna dura no estreito banquinho de trás não foi fácil. Fiquei meio deitado, o revólver apontado para a cabeça dele. Mandei que seguisse para a Barra da Tijuca. Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa. Seguimos pelo

Recreio dos Bandeirantes até chegar a uma praia deserta. Saltamos. Deixei acesos os faróis.

Nós não lhe fizemos nada, ele disse.

Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima.

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho.

Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina.

O homem assistiu a tudo sem dizer uma palavra, a carteira de dinheiro na mão estendida. Peguei a carteira da mão dele e joguei pro ar e quando ela veio caindo dei-lhe um bico, de canhota, jogando a carteira longe.

Amarrei as mãos dele atrás das costas com uma corda que eu levava. Depois amarrei os pés.

Ajoelha, eu disse.

Ele ajoelhou.

Os faróis do carro iluminavam o seu corpo. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei a gravata borboleta, dobrei o colarinho, deixando seu pescoço à mostra.

Curva a cabeça, mandei.

Ele curvou. Levantei alto o facão, seguro nas duas mãos, vi as estrelas no céu, a noite imensa, o firmamento infinito e desci o facão, estrela de aço, com toda minha força, bem no meio do pescoço dele.

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o pára-lama do carro. O pescoço ficou

numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. Ergui alto o alfange e recitei: Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete.

* * *

Uma caixa preta debaixo do braço. Falo com a língua presa que sou o bombeiro que vai fazer o serviço no apartamento duscentos e um. O porteiro acha graça na minha língua presa e me manda subir. Começo do último andar. Sou o bombeiro (língua normal agora) vim fazer o serviço. Pela abertura, dois olhos: ninguém chamou bombeiro não. Desço para o sétimo, a mesma coisa. Só vou ter sorte no primeiro andar.

A empregada me abriu a porta e gritou lá para dentro, é o bombeiro. Surgiu uma moça de camisola, um vidro de esmalte de unhas na mão, bonita, uns vinte e cinco anos.

Deve haver um engano, ela disse, nós não precisamos de bombeiro.

Tirei o Cobra de dentro da caixa. Precisa sim, é bom ficarem quietas senão mato as duas. Tem mais alguém em casa? O marido estava trabalhando e o menino no colégio. Amarrei a empregada, fechei sua boca com esparadrapo. Levei a dona pro quarto.

Tira a roupa.

Não vou tirar a roupa, ela disse, a cabeça erguida.

Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo. Dei-lhe um murro na cabeça. Ela caiu na cama, uma marca vermelha na cara. Não tiro. Arranquei a camisola, a calcinha. Ela estava sem sutiã. Abri-lhe as pernas. Coloquei os meus joelhos sobre as suas coxas. Ela tinha uma pentelheira basta e negra. Ficou quieta, com olhos fechados. Entrar naquela floresta escura não foi fácil, a buceta era apertada e seca. Curvei-me, abri a vagina e cuspi lá dentro, grossas cusparadas. Mesmo assim não foi fácil, sentia o meu pau esfolando. Deu um gemido quando enfiei o cacete com toda força até o fim. Enquanto enfiava e tirava o pau eu lambia os peitos dela, a orelha, o pescoço, passava o dedo de leve no seu cu, alisava sua bunda. Meu pau começou a ficar lubrificado pelos sucos da sua vagina, agora morna e viscosa.

Como já não tinha medo de mim, ou porque tinha medo de mim, gozou primeiro do que eu. Com o resto da porra que saía do meu pau fiz um círculo em volta do umbigo dela.

Vê se não abre mais a porta pro bombeiro, eu disse, antes de ir embora.

* * *

Saio do sobrado da rua Visconde de Maranguape. Uma panela em cada molar cheio de cera do Dr. Lustosa/ mastigar com os dentes da frente/ punheta pra foto de revista/ livros roubados./ Vou para a praia.

Duas mulheres estão conversando na areia; uma tem o corpo queimado de sol, um lenço na cabeça; a outra é clara, deve ir pouco à praia; as duas têm o corpo muito bonito; a bunda da clara é a bunda mais bonita entre todas que já vi. Sento perto, e fico olhando. Elas percebem meu interesse e começam logo a se mexer, dizer coisas com o corpo, fazer movimentos aliciantes com os rabos. Na praia somos todos

iguais, nós os fodidos e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas. Eu quero aquela mulher branca! Ela inclusive está interessada em mim, me lança olhares. Elas riem, riem, dentantes. Se despedem e a branca vai andando na direção de Ipanema, a água molhando os seus pés. Me aproximo e vou andando junto, sem saber o que dizer.

Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida, e o cabelo dela é fino e tratado, o seu tórax é esbelto, os seios pequenos, as coxas são sólidas e redondas e musculosas e a bunda é feita de dois hemisférios rijos. Corpo de bailarina.

Você estuda balé?

Estudei, ela diz. Sorri para mim. Como é que alguém pode ter boca tão bonita? Tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca. Você mora por aqui?, ela pergunta. Moro, minto. Ela me mostra um prédio na praia, todo de mármore.

* * *

De volta à rua Visconde de Maranguape. Faço hora para ir na casa da moça branca. Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômico. Afio o facão com uma pedra especial, o pescoço daquele janota era muito duro. Os jornais abriram muito espaço para a morte do casal que eu justicei na Barra. A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-araras, e depois vêm para o Rio, e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses.

Os colunistas sociais estavam consternados. Os granfas que eu despachei estavam com viagem marcada para Paris. Não há mais segurança nas ruas, dizia a manchete de um jornal. Só rindo. Joguei uma cueca pro alto e tentei cortá-la com o facão, como o Saladino fazia (com um lenço de seda) no cinema.

Não se fazem mais cimitarras como antigamente/ Eu sou uma hecatombe/
Não foi nem Deus nem o Diabo/ Que me fez um vingador/ Fui eu mesmo/ Eu sou o
Homem Pênis/ Eu sou o Cobrador./

Vou no quarto onde Dona Clotilde está deitada há três anos. Dona Clotilde é
dona do sobrado.

Quer que eu passe o escovão na sala?, pergunto.

Não meu filho, só queria que você me desse a injeção de trinevral antes de
sair.

Fervo a seringa, preparo a injeção. A bunda de Dona Clotilde é seca como
uma folha velha e amassada de papel de arroz.

Você caiu do céu, meu filho, foi Deus que te mandou, ela diz.

Dona Clotilde não tem nada, podia levantar e ir comprar coisas no
supermercado. A doença dela está na cabeça. E depois de três anos deitada, só se
levanta para fazer pipi e cocô, ela não deve mesmo ter forças.

Qualquer dia dou-lhe um tiro na nuca.

* * *

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de
euforia que me dá vontade de dançar – dou pequenos uivos, grunhidos, sons
inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo
chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou
um macaco.

Quem quiser mandar em mim pode querer, mas vai morrer. Estou querendo
muito matar um figurão desses que mostram na televisão a sua cara paternal de
velhaco bem-sucedido, uma pessoa de sangue engrossado por caviars e champãs.

Come caviar/ teu dia vai chegar./ Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume. A moça do prédio de mármore? Entro e ela está me esperando, sentada na sala, quieta, imóvel, o cabelo muito preto, o rosto branco, parece uma fotografia.

Vamos sair, eu digo para ela. Ela me pergunta se estou de carro. Digo que não tenho carro. Ela tem. Descemos pelo elevador de serviço e saímos na garagem, entramos num Puma conversível.

Depois de algum tempo pergunto se posso dirigir e trocamos de lugar. Petrópolis está bem?, pergunto. Subimos a serra sem dizer uma palavra, ela me olhando. Quando chegamos a Petrópolis ela pede que eu pare num restaurante. Digo que não tenho dinheiro nem fome, mas ela tem as duas coisas, come vorazmente como se a qualquer momento fossem levar o prato embora. Na mesa ao lado um grupo de jovens bebendo e falando alto, jovens executivos subindo na sexta-feira e bebendo antes de encontrar a madame toda enfeitada para jogar biriba ou falar da vida alheia enquanto traçam queijos e vinhos. Odeio executivos. Ela acaba de comer. E agora? Agora vamos voltar, eu digo, e descemos a serra, eu dirigindo como um raio, ela me olhando. Minha vida não tem sentido, já pensei em me matar, ela diz. Paro na rua Visconde de Maranguape. É aqui que você mora? Saio sem dizer nada. Ela sai atrás: vou te ver de novo? Entro e enquanto vou subindo as escadas ouço o barulho do carro partindo.

* * *

Top Executive Club. Você merece o melhor relax, feito de carinho e compreensão. Nossas massagistas são completas. Elegância e discrição.

Anoto o endereço e vou para o local, uma casa, em Ipanema. Espero ele surgir, fantasiado de roupa cinza, colete, pasta preta, sapatos engraxados, cabelos rinsados. Tiro um papel do bolso, como alguém à procura de um endereço e vou seguindo o cara até o carro. Esses putos sempre fecham o carro a chave, eles sabem que o mundo está cheio de ladrões, eles também são, apenas ninguém os pega; enquanto ele abre o carro eu encosto o revólver na sua barriga. Dois homens de frente um para o outro, conversando, não despertam atenção. Encostar o revólver nas costas assusta mais, mas isso só deve ser feito em locais desertos.

Fica quieto senão chumbo a sua barriga executiva.

Ele tem o ar petulante e ao mesmo tempo ordinário do ambicioso ascendente egresso do interior, deslumbrado de coluna social, comprista, eleitor da Arena, católico, cursilista, patriota, mordomista e bocalivrista, os filhos estudando na PUC, a mulher transando decoração de interiores e sócia de boutique.

Como é executivo, a massagista te tocou punheta ou chupou teu pau?

Você é homem, sabe como é, entende essas coisas, ele disse. Papo de executivo com chofer de táxi ou ascensorista. De Botucatu para a Diretoria, acha que já enfrentou todas as situações de crise.

Não sou homem porra nenhuma, digo suavemente, sou o Cobrador.

Sou o Cobrador!, grito.

Ele começa a ficar da cor da roupa. Pensa que sou maluco e maluco ele ainda não enfrentou no seu maldito escritório refrigerado.

Vamos para sua casa, eu digo.

Eu não moro aqui no Rio, moro em São Paulo, ele diz. Perdeu a coragem, mas não a esperteza. E o carro?, pergunto. Carro, que carro? Este carro, com a chapa do Rio? Tenho mulher e três filhos, ele desconversa. Que é isso? Uma desculpa,

sentia, habeas-corpus, salvo-conduto? Mando parar o carro. Puf, puf, puf, um tiro para cada filho, no peito. O da mulher na cabeça, puf.

* * *

Para esquecer a moça que mora no edifício de mármore vou jogar futebol no aterro. Três horas seguidas, minhas pernas todas escalavradas das porradas que levei, o dedão do pé direito inchado, talvez quebrado. Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas. Notícia do jornal: Um grupo de grã-finos da zona sul em grandes preparativos para o tradicional Baile de Natal – Primeiro Grito de Carnaval. O baile começa no dia vinte e quatro e termina no dia primeiro do Ano Novo; vêm fazendeiros da Argentina, herdeiros da Alemanha, artistas americanos, executivos japoneses, o parasitismo internacional. O Natal virou mesmo uma festa. Bebida, folia, orgia, vadiagem.

O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados.

Um maluco pulou da ponte Rio-Niterói e boiou doze horas até que uma lancha do Salvarmar o encontrou. Não pegou nem resfriado.

Um incêndio num asilo matou quarenta velhos, as famílias celebraram.

* * *

Acabo de dar a injeção de trinevral em Dona Clotilde quando tocam a campainha. Nunca tocam a campainha do sobrado. Eu faço as compras, arrumo a casa. Dona Clotilde não tem parentes. Olho da sacada. É Ana Palindrômica.

Conversamos na rua. Você está fugindo de mim?, ela pergunta. Mais ou menos, digo. Vou com ela pro sobrado. Dona Clotilde, estou com uma moça aqui, posso levar pro quarto? Meu filho, a casa é sua, faça o que quiser, só quero ver a moça.

Ficamos em pé ao lado da cama. Dona Clotilde olha para Ana um tempo enorme. Seus olhos se enchem de lágrimas. Eu rezava todas as noites, ela soluça, todas as noites para você encontrar uma moça como essa. Ela ergue os braços magros cobertos de finas pelancas para o alto, junta as mãos e diz, oh meu Deus, como vos agradeço!

Estamos no meu quarto, em pé, sobancelha com sobancelha, como no poema, e tiro a roupa dela e ela a minha e o corpo dela é tão lindo que sinto um aperto na garganta, lágrimas no meu rosto, olhos ardendo, minhas mãos tremem e agora estamos deitados, um no outro, entrançados, gemendo, e mais, e mais, sem parar, ela grita, a boca aberta, os dentes brancos como de um elefante jovem, ai, ai, adoro a tua obsessão!, ela grita, água e sal e porra jorram de nossos corpos, sem parar.

Agora, muito tempo depois, deitados olhando um para o outro hipnotizados até que anoitece e nossos rostos brilham no escuro e o perfume do corpo dela traspassa as paredes do quarto.

Ana acordou primeiro do que eu e a luz está acesa. Você só tem livros de poesia? E estas armas todas, pra quê? Ela pega a Magnum no armário, carne branca e aço negro, aponta pra mim. Sento na cama.

Quer atirar? pode atirar, a velha não vai ouvir. Mais para cima um pouco.
Com a ponta do dedo suspendo o cano até a altura da minha testa. Aqui não dói.

Você já matou alguém? Ana aponta a arma pra minha testa.

Já.

Foi bom?

Foi.

Como?

Um alívio.

Como nós dois na cama?

Não, não, outra coisa. O outro lado disso.

Eu não tenho medo de você, Ana diz.

Nem eu de você. Eu te amo.

Conversamos até amanhecer. Sinto uma espécie de febre. Faço café pra Dona Clotilde e levo pra ela na cama. Vou sair com Ana, digo. Deus ouviu minhas preces, diz a velha entre goles.

* * *

Hoje é dia vinte e quatro de dezembro, dia do Baile de Natal ou Primeiro Grito de Carnaval. Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico incoseqüente. Escolhemos para iniciar a nova fase os

compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores, os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos.

O mundo inteiro saberá quem é você, quem somos nós, diz Ana.

Notícia: O Governador vai se fantasiar de Papai Noel. Notícia: menos festejos e mais meditação, vamos purificar o coração. Notícia: Não faltará cerveja. Não faltarão perus. Notícia: Os festejos natalinos causarão este ano mais vítimas de trânsito e de agressões do que nos anos anteriores. Polícia e hospitais preparam-se para as comemorações de Natal. O Cardeal na televisão: a festa de Natal está deturpada, o seu sentido não é este, essa história de Papai Noel é uma invenção infeliz. O Cardeal afirma que Papai Noel é um palhaço fictício.

Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve, diz Ana. O Papai Noel do baile eu mesmo quero matar com o facão, digo.

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era

inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto.

Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à Dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro.

* * *

ANEXO C
COMUNICAÇÃO
(Garcia de Paiva)

O homem do charuto vinha e escrevia no quadro-negro:

"Confessa"

Ia embora. O outro, com o radiozinho de pilha no ouvido, escrevia embaixo:

- Confeça tudo é pru seo bem

Ele escreveu apenas uma vez:

- eu pergunto a voce não entendo nada

Rejeitou o giz não escreveu mais, permanecia sentado no estrado com o buquê de rosas na mão, e agora as pétalas começavam a cair. De manhã recebia o café frio e ralo e o pão. O almoço e o jantar – arroz, feijão e angu insossos – vinham no prato esmaltado encardido. No primeiro dia e no segundo recusara tudo, mas a partir do terceiro ia deixando de cerimônias. Abrandava-se a cólera, a neurastenia de surdo-mudo encarcerado. As cinco revistas velhas jogadas a um canto haviam ajudado muito, ele se deixava ficar estendido no colchão o dia inteiro lendo e relendo as mesmas páginas. Tinha sido levado a uma sala distante para assinar um papel, com a caneta e com os dedos sujos de tinta. O homem do charuto aparecia duas vezes por dia, falava, gesticulava e, pelo jeito, gritava também. Agressivo, rasgara uma das revistas, atirara-a em seu rosto, ameaçara com o charuto, esfregara a cinza quente no seu braço. Visitas e mais visitas haviam sido introduzidas pelo carcereiro nos três primeiros dias, sentira-se examinado como bicho raro.

Quando precisou fazer uma necessidade – a primeira vez – o carcereiro custou a aparecer, ele afligiu-se no seu embaraço. Fez-se entender por mímica e o carcereiro levou-o pelo corredor a uma instalação sanitária. A mímica tornou-se mais fácil depois, ia pelo menos duas vezes por dia à instalação, mas certa vez o carcereiro

fingiu não entender, foi-se embora, a bexiga estava estourando e ele teve que verter ali mesmo, no canto.

Apareceram vários indivíduos, entraram juntos, três deles com máquinas fotográficas, tiraram retratos, falaram muito, mostraram-lhe um papel: "Conta, não seja teimoso".

As coisas pioraram quando veio o quadro-negro com giz. Levaram as revistas, ele deixou de ler. Levaram o colchão, dormiu no estrado. Já lhe haviam tirado o paletó, o dinheiro e os documentos no primeiro dia, e agora levaram-lhe os sapatos e as meias. Com o auxílio de uma escada, tiraram a lâmpada do teto e levaram. Suas noites encheram-se de treva.

O homem aparecia, trocava o charuto de mão, apanhava giz e ordenava:

"Confessa"

Ele, quieto. O homem, furioso, quebrou três pedaços de giz nos acentos:

"Não sêja burro, é melhor contar, estô avizando"

Afinal, ele apanhou um giz e, da maneira correta e ritmada que lhe haviam ensinado, escreveu:

- o que eu peço voce e isso preciso minha mulher.

O homem tornou a trocar o charuto de mão e respingou acentos coléricos corrigindo:

- o que eu peço a você é isso: preciso minha mulher

Atirou o giz no chão, saiu, voltou à tarde:

"Está mais razoável agora?"

Caprichava nos acentos e usava aspas como propriedade sua:

"O inférno te espéra, desgraçado"

A urina secava no canto. Não havia mais revistas, nem estrado. Só as paredes, o ladrilho, o buquê de rosas despetaladas. Giz e quadro-negro:

- eu digo a voce quero minha filha
- fome
- tras o colchao
- frio
- porque levou meu relógio

Organizava as tarefas da liberdade futura:

- 5 tunica de soldado - 2 calça brim - 2 camisa – 1 blusa - nao esquecer roupa do velho

- 4 caixa de alfinete - 5 carretel de linha 40 – os botoes brancos para cueca acabaram – a entretela

O carcereiro deixou de levá-lo à instalação, largou um urinol ali dentro. Ele tinha apetite e, ao comer, encostava o urinol já servido no rodapé do lado oposto. Com o rádio de pilha no ouvido, o carcereiro levava numa só mão o urinol e o prato. Um dia não houve café nem refeição, nada.

- fome

Sem catre, sem colchão, dormia no ladrilho e deram-lhe opção, trouxeram uma tábua e dois tamboretas. Poderia dormir sobre aquela ponte, se quisesse, as noites esfriavam cada vez mais. Não tomou conhecimento da tábua.

O carcereiro jogou água no ladrilho, várias latas, ia e vinha, ele tentou dormir na tábua suspensa, não dava jeito, era estreita, sem espaço para deitar de lado, ainda preferia o ladrilho, mesmo com os pés na água – dormia de cócoras.

"Conféssa que matou"

- eu nao matou

É pru seo ben cofeça

- quem foi matado

"A verdade déve vir de você"

- sou alfaiate não faco mau meu próximo

"Êsse buquê de flor fazia parte do seu alibi"

O prato era mal lavado, vinha com gordura da refeição do dia anterior, ele não ligava, comia assim mesmo, fazia de conta que o prato era seu – e podia não ser – o encardido variava – havia outros presos – outras tábuas – outros urinóis.

- minha família sabe?

"Escreve"

- o que

"Que matou. Diz como fôï"

Trouxeram correndo o estrado e o colchão, levaram os tamboretas e a tábua, enxugaram o chão, os fotógrafos reapareceram, tiraram mais fotografias, os outros escreviam nos blocos: "Abre o livro e pode contar com a imprensa".

A barba crescera, o cabelo, as unhas. Sonhava com um banho.

- sujo

Levaram o colchão e o estrado, trouxeram de novo a tábua, os tamboretas. O carcereiro despejou água. O homem do charuto implicou com o buquê ressecado, quis levá-lo, ele resistiu, não entregou. Arrastou um tamborete quando o homem foi embora, encostou na parede do fundo, subiu nele, pôs-se nas pontas dos pés, estirou-se o mais que pôde, beijou o buquê, deixou-o lá em cima, na grade, em lugar seguro.

Dois dias sem beber água, a comida tornou-se uma salmoura, ele se pôs a lambar as poças nos cantos, mas o pior era o frio à noite. Estendia-se na tábua, os pés descalços, os braços no peito como um defunto. Os dias passavam, e as noites. Não

dormia. Deu de tossir, a tábua machucava, era frio e sede e fome e dor, e solidão, não agüentou, investiu contra a porta. Jogava os tamboretas nas paredes, batia com a tábua, vieram dois soldados, ele com certeza se lembrou das 5 túnicas, desesperou-se, unhava, mordida e apanhava, bordoadada sobre bordoadada, ficou caído no ladrilho.

Voltou a tossir, quando clareou. Apanhou um giz.

- vou morrer preciso minha mulher

Veio o homem:

"Conféssa"

Teve um acesso de cólera, desespero, chorou sem lágrimas.

- preciso minha mulher minha filha

- Cofeça

Quis falar qualquer coisa, grunhiu, regougou, estertorou.

- voce olha voce

Da maneira correta e ritmada que lhe haviam ensinado, quis escrever um insulto, um palavrão, uma obscenidade, não encontrou o que dizer. Arrebatou o charuto, atracou-se com o homem, o carcereiro golpeou-o por detrás.

O homem foi embora, e o carcereiro voltou com um jornal, desdobrou-o nas suas mãos. Lá estava. As fotografias, as manchetes, as notícias em várias colunas. Leu – e depois largou o jornal no chão molhado.

A comida esfriou o dia inteiro no prato, ele sentado na tábua. Na treva noturna tirou a calça e a camisa, rasgou-as, amarrou as tiras, equilibrou um tamborete sobre outro, subiu, alcançou a grade lá em cima. O buquê emurchecido caiu do outro lado, o tamborete despencou, os soldados vieram até a porta, escutaram um instante, afastaram-se.

ANEXO D
BOTÃO-DE-ROSA
(Murilo Rubião)

*"Aroma de mirra, de
aloés e cássia exala de
tuas vestes, desde as
casas de marfim."*
Salmos, XLIV, 9.

Quando, numa segunda-feira de março, as mulheres da cidade amanheceram grávidas, Botão-de-rosa sentiu que era um homem liquidado. Entretanto não se preocupou, absorto em pentear os longos cabelos.

Concluído o penteado, passou a alisar a barba com uma escova especial umedecida em perfume. Nesse instante ouviu gritos vindos da rua. Não distinguia bem o que gritavam, mas de uma coisa estava certo: vinham pegá-lo. – Deu de ombros e buscou uma fita colorida para prender a cabeleira.

Antes de despir a camisola de seda, escolheu para o dia o seu melhor traje: uma túnica branca, bordada a ouro, e calças de um tecido azul com tachas prateadas, presente dos companheiros do conjunto de guitarras - Molinete, Zelote, Judô, Pedro Taguatinga, Simonete, Bacamarte, André-tripa-miúda, Ion, Mataqueus, Pisca, Filipeto e Bartô – com os quais acertara novo encontro no Festival. Até lá Taquira teria o filho. (Fora obrigado a separar-se da companheira porque os pais recusaram a recebê-lo em casa, alegando que não eram casados. Teve, à época, vaga premonição de que jamais se reencontrariam.)

Separou as meias, o cinturão de fivela dourada e procurou uma sandália que combinasse com o vestuário. Sua escolha recaiu numa de solas grossas, apropriadas ao péssimo calçamento da cidade.

O clamor crescia lá fora, aumentava-lhe a impaciência: não podiam esperar que acabasse de se aprontar? Ou temiam pela sua fuga? Malta de ignorantes, como poderia fugir? Antes que apelassem para a força, procurou acalmá-los, mostrando-se

na varanda. A turba emudeceu à sua presença. Fez-se um silêncio hostil, os olhos enfurecidos cravados na sua figura tranqüila. Um moleque atirou-lhe uma pedra certa na testa e a multidão de novo se assanhou: Cabeludo! Estuprador! Piolhento!

Quando compreenderiam? - Retrocedeu até a sala. Não por covardia, apenas para estancar o sangue que começava a descer pela face e certamente lhe mancharia a roupa.

Medicava-se ainda e ouviu baterem na porta. Era o sargento, comandante do destacamento, acompanhado de seis soldados e um mandado de prisão. Nem leu o papel. Alçando a mão, num apelo mudo, para que o esperassem, voltou ao quarto. Após jogar suas coisas na maleta, colocar nos dedos os anéis e no pescoço os colares, seguiu os policiais.

A autoridade deles devia ser grande, pois cessaram as vaias, ouvindo-se somente o rosnar de alguns populares. Das sacadas, em todo o percurso, mulheres com os rostos protegidos por máscaras, que ocultavam as deformações da gravidez, observavam ansiosas o cortejo. As únicas janelas fechadas pertenciam à residência dos pais de Taquira.

O delegado, um tenente reformado, recebeu-o com afetada cortesia, indiferente à

hostilidade geral contra o prisioneiro:

- O senhor é acusado de estupro e de ter engravidado as... – Interrompeu a frase para atender ao telefone:

- Pronto. Às ordens, meritíssimo. Estou atento. Novas diligências? Quantas quiser. Encontraram drogas? Mudarei o rumo dos interrogatórios.

O telefonema perturbara-o. Menos empertigado e sem afetação, voltou-se para o detido:

- Houve um equívoco: você está preso sob suspeita de traficar heroína. –

Fez uma pequena pausa e, embaraçado, prosseguiu:

- Pode depor sem constrangimento. O seu defensor, Dr. José Inácio – apontava para um rapaz que acabara de entrar na sala –, testemunhará a nossa isenção. Queremos a verdade.

A verdade. O que significaria? Tempos atrás lhe fizeram igual pergunta e nada respondera. Também agora, e nos dias subseqüentes, permaneceria calado.

Alheio às perguntas capciosas, Botão só se preocupava com a aflição do seu patrono, talvez a única pessoa a desconhecer que fora designado exclusivamente para dar aparência de legalidade ao processo.

O mutismo do indiciado não irritou o militar. Parecia até agradá-lo. Mandou que o recolhessem ao cárcere. (Antes de acareá-lo com as testemunhas, procederia a outras investigações, visando esclarecer certos pontos obscuros da denúncia.)

O advogado, que permanecera na sala, indagou:

- Por que acusam o meu cliente de traficante de drogas, se antes o incriminavam de esturador e cúmplice de centenas de adultérios?

- Que ingenuidade, amigo. Você está há pouco tempo entre nós e ignora que aqui só prevalece a vontade do juiz, proprietário da maior parte das casas da cidade, inclusive dos prédios públicos, da companhia telefônica, do cinema, das duas farmácias, de cinco fazendas de gado, do matadouro e da empresa funerária. Se decidiu que esse palhaço cometeu outro delito, não nos cabe discutir e sim preparar as provas necessárias à sua condenação.

- Penso que o seu dever é agir com imparcialidade, conforme declarou anteriormente, e impedir o arbítrio dos poderosos.

Nesse instante, em frente à delegacia, a população começou a vociferar:
Lincha! Mata! Enforca!

O oficial parecia se divertir com a situação:

- O seu constituinte não tem muitas chances de sobreviver. Alguém cuidará dele. A Justiça ou o povo.

José Inácio saiu preocupado com a sorte do prisioneiro. Além de ter contra si a animosidade de todos, nem ao menos se declarava inocente.

Sua preocupação se transformou em medo ao ver-se encarado pelos homens que se postavam na rua. Olhavam-no carrancudos e silenciosos.

No hotel a recepção não foi melhor. O hoteleiro e os hóspedes, que antes o tratavam com acentuada simpatia, passaram a evitá-lo.

A mudança de tratamento o magoava: se não procurara nem fora chamado pelo acusado na qualidade de advogado, e se acompanhava o processo como defensor dativo de um maníaco sexual, que posteriormente seria transformado em traficante de drogas, por que colocá-lo em situação idêntica à do réu? !

Durante a semana tentaram, sem êxito, arrancar uma confissão de Botão-de-rosa. Mudo e impassível, ouvia desatento o que lhe perguntavam repetidamente:

- Quer falar agora? Quem lhe fornecia os entorpecentes?

O interrogatório não se estendia muito e logo mandavam-no de volta à cela.

Ao chegar a vez das testemunhas, estas asseguraram que no momento da prisão o indiciado carregava heroína consigo.

A polícia deu-se por satisfeita com os depoimentos e considerou-os suficientes para caracterizar o delito.

Preenchidas as últimas formalidades, os autos foram remetidos à Justiça.

Se para o advogado o inquérito policial transbordava de irregularidades, algumas gritantes, como a ausência do auto de prisão em flagrante, maior escândalo lhe causaria o transcurso da instrução criminal, inteiramente fora das normas processuais.

Verificando que seu cliente seria julgado pelo tribunal do júri, procurou o promotor e lhe disse que iria argüir incompetência de juízo se o réu não fosse enquadrado no ritual da lei que tratava de entorpecentes.

- O senhor está pilheriando ou é um incompetente. Em que se baseia para usar tão esdrúxulo recurso?

Surpreso com a resposta intempestiva, pediu licença para consultar o Código de Processo Penal, que retirou de uma estante ao lado.

À medida que avançava na leitura, mais chocado ficava, pensando ter em suas mãos uma edição falsificada, ou então nada aprendera nos cursos da faculdade.

Numa pequena livraria comprou um exemplar da Constituição e todos os Códigos, porque talvez tivesse que reformular seu aprendizado jurídico.

Leu até de madrugada. A cada página lida, se abismava com a preocupação do legislador em cercear a defesa dos transgressores das leis penais. Principalmente no capítulo dos entorpecentes, onde não se permitia apresentar determinados

recursos, requerer desaforamento. A violação de seus artigos era considerada crime gravíssimo contra a sociedade e punível por tribunal popular. As penas variavam entre dez anos de reclusão, prisão perpétua ou morte.

José Inácio ficou boquiaberto: Pena de morte! Ela fora abolida cem anos atrás! Ou teria estudado em outros livros?

Em compensação, ocorrendo a pena capital, admitia-se apelar para instância superior.

Desorientado, abandonou os compêndios.

Passou os dias seguintes a remoer o assunto, enquanto na porta do hotel um número crescente de indivíduos mal-encarados aguardava sua saída, para segui-lo impiedosamente pelas ruas da cidade. Também recebia constantes ameaças pelo telefone e cartas anônimas.

Aos poucos, se acovardava, perdia a esperança de conseguir absolver seu constituinte.

Na véspera do julgamento, atemorizado, resolveu abandonar a cidade.

Tomara as providências para a viagem e só faltava pagar as contas, quando apareceu o delegado:

- Não vai me dizer que pretende escapar ao júri de amanhã? Sua fuga seria uma desconsideração ao juiz. Aliás, trago um recado dele. Pediu-me para lhe dizer que não gostou de sua displicência na instrução criminal. Espera, daqui para frente, o exato cumprimento de suas obrigações como defensor do réu.

E, dando fim à sua missão, ordenou ao rapaz que guardava as malas do hóspede:

- Leva tudo de volta para cima.

A escolta de Botão-de-rosa encontrou forte resistência para entrar no fórum. Uma pequena e exaltada multidão, que impedia a passagem, investiu sobre o prisioneiro a bofetadas e pontapés.

Os militares presenciaram, complacentes, o espancamento e só tomaram a decisão de intervir quando viram a vítima sangrar. Violentos, a golpes de sabres, afastaram da porta os desordeiros.

Dentro do edifício deram-se conta de que não podiam introduzir no recinto do tribunal o prisioneiro, tal o estado de suas roupas, rasgadas de cima a baixo.

Alguém, que assistira à agressão da janela de urna casa nas vizinhanças, mandou-lhes uma capa feminina para cobrir a nudez de Botão.

Sentado no banco dos réus, entre dois soldados, Botão-de-rosa mal conseguia mover as pálpebras, as pernas começavam a inchar. Levantou-se, arquejante, a uma ordem do juiz, que deu início ao interrogatório de praxe. Nada respondeu e nem poderia fazê-lo caso desejasse. Os lábios estavam intumescidos, os dentes abalados doíam ao contato com a língua.

- Inocente ou culpado? – foi a última pergunta que lhe fizeram e a repetiu para si mesmo, deixando transparecer alguma turbacão no rosto.

O magistrado encerrou a inquirição com uma advertência:

- Embora não esteja obrigado a nos responder, o seu silêncio poderá ser interpretado em prejuízo da própria defesa.

O promotor falava há mais de duas horas. Repisava argumentos, insistia em detalhes insignificantes. Ao notar que ninguém lhe prestava atenção, tratou de

terminar o enfadonho discurso com a leitura de uma carta sem assinatura, na qual denunciavam o

acusado de traficante de heroína e maconha.

- Uma carta anônima! E essa maconha, não mencionada anteriormente? É um acinte ao tribunal apresentar uma prova desse tipo – aparteu o defensor.

- Ela merece fé. Posso exhibir o laudo da perícia, constante de minucioso estudo grafológico, que afirma ser de Judô, um dos componentes do conjunto musical do indiciado, a autoria da denúncia.

- Pobre companheiro – murmurou Botão. – Deve ter-se vendido por algumas doses de entorpecentes. Não conseguia viver sem a droga. Por que culpá-lo agora? Uma testemunha a menos não o absolveria. – Voltou-se para trás: a formação do grupo com músicos inexperientes, pouco dinheiro, idéia de malucos. As cidades do caminho, aplausos e vaias, a orquestra crescendo. O aparecimento de Taquirá. Esquecera o corpo maltratado e obrigaram-no a retomar à realidade:

- Senhores jurados, a acusação do Ministério Público, além de inepta, é tendenciosa. O réu não cometeu o delito que lhe atribuem. Poderia, no máximo, ser processado como cúmplice de numerosos adultérios, mas isto não seria conveniente para a cidade, pois a transformaria num imenso antro de cornos. – Era o advogado de defesa que discursava e pretendia com a última frase desmascarar os que aplicavam a justiça no lugar. Surpreendeu-o, entretanto, a repulsa instantânea da assistência e jurados, que avançaram, enraivecidos, em sua direção.

O juiz fez soar repetidamente a campainha, ameaçando evacuar o recinto. Por fim, com a colaboração dos soldados, conseguiu que todos voltassem a seus lugares.

José Inácio encolhera-se num canto e, convocado a retomar à tribuna, obedeceu amedrontado, disposto a abreviar suas considerações. Falava com cautela,

pesando as palavras, algumas ambíguas, as idéias desconcatenadas e a negar crimes que a própria acusação não atribuía ao incriminado.

Havia total descompasso entre o que afirmava e os apartes do promotor:

- Como poderia engravidar meninas de oito e matronas de oitenta anos?
- Protesto! O delito em pauta se refere unicamente a estupefacientes!
- Os casos de gravidez em massa, ocorridos nesta localidade, não podem ser atribuídos ao denunciado.

- Antes da vinda desse marginal nosso povo tinha hábitos saudáveis, desconhecia os vícios das grandes metrópoles.

O presidente do tribunal leu a sentença que condenava Botão-de-rosa à pena de morte, a ser cumprida no dia seguinte, e exortou a todos que respeitassem a integridade física do condenado, deixando ao verdugo a tarefa de eliminá-lo.

A recomendação final do magistrado alarmou o defensor: e a sua segurança, quem a garantiria?

O delegado percebeu, de longe, o temor que o afligia e veio ao seu encontro:

- Não precisa ter medo. Basta ser compreensivo. O sentenciado só escapará da forca se houver apelação, pois a Suprema Corte tem por norma transformar as penas máximas em prisão perpétua. Se você não recorrer, lhe garantiremos uma rendosa banca de advocacia. A promessa é do juiz.

José Inácio reviu, mentalmente, as diversas fases do processo, o cerceamento da defesa do réu, permitido por uma legislação absurda. Sentiu-se na obrigação de apelar e impedir que cometessem terrível iniquidade. Não havia outra opção, contudo vacilava. O duro espancamento de seu constituinte deveria ser tomado como um

aviso do que lhe poderia acontecer, caso apelasse. E por que trocar as possibilidades de sucesso na sua carreira profissional pela vida de um pobre-diabo que se negava a defender-se e nem se importava com sua própria condenação?

Desistiu do recurso.

Além da cama, Botão pouco encontrou na cela. Tinham levado as roupas, os objetos de uso pessoal, inclusive o dentifrício e a escova de dentes.

Deitou-se nu e aguardou a noite.

Às seis da manhã vieram buscá-lo, porém teve dificuldade em levantar-se. Os membros, ressentidos da surra da véspera, não lhe obedeciam. Para erguer-se, foi necessária a ajuda do carcereiro.

Os soldados, à sua espera numa das salas da delegacia, conduziram-no ao local da execução. Caminhada áspera, na qual se empenhou em seguir firme, os ombros erguidos.

Do alto do patíbulo, na praça vazia, pela primeira vez lhe pesava a solidão. E os companheiros? E Taquira?

Abaixou a cabeça: esquecerão, sempre esquecemos.

Jogou longe a capa e, desnudo, ofereceu o pescoço ao carrasco.

(O convidado. 3ª. ed. São Paulo, Ática, 1983)

ANEXO E

APRESENTAÇÃO DO DISCURSO NÃO-VERBAL *versus* VERBAL

Transposição do contexto da dissertação numa análise não verbal versus verbal, ou seja, a multiplicidade, a polissemia da práxis.

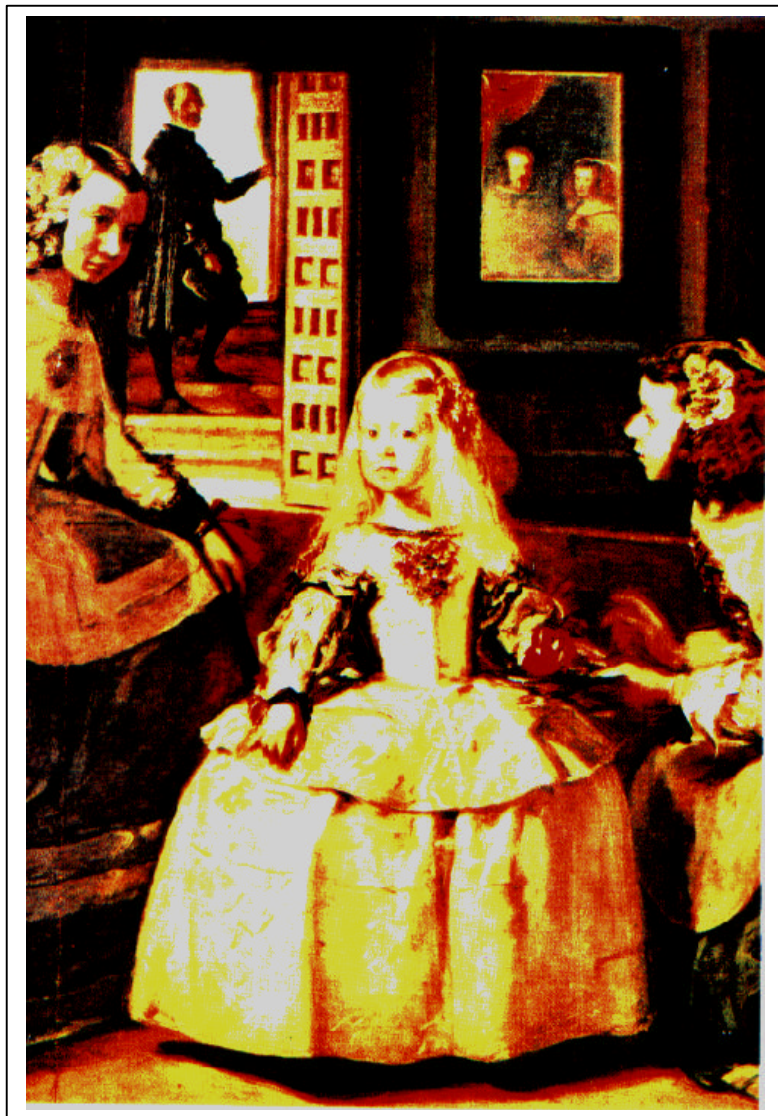
AS MENINAS DE VELÁZQUEZ



Por que Velásquez?

“A todos Velásquez observava com atenção e perspicácia, procurando retirar de suas faces enigmáticas, miseráveis ou orgulhosas, a centelha que os caracterizava meramente como Homens ...”

AS MENINAS DE VELÁZQUEZ



O quadro se divide em várias partes. Permite vários enfoques.

“É no compreender que se funda a interpretação. O homem não interpreta para compreender, mas, por compreender é capaz de interpretar”. (HEIDEGGER, 1999)

VELÁZQUEZ / O LEITOR / A CONSCIÊNCIA CRÍTICA



Velázquez - 1997

“No momento em que Velásquez nos coloca no campo de seu olhar, ele nos capta, nos constrange a entrar no quadro, designando-nos um lugar ao mesmo tempo privilegiado e obrigatório ...”

Faz-nos questionar a estrutura do signo verbal e não-verbal.

QUESTIONAMENTOS LINGÜÍSTICOS: LINGUAGEM VERBAL

Jul. O Romeo, Romeo! Wherefore art thou Romeo?

Deny thy father and refuse thy name;
Or, if thou wilt not, be but sworn my love,
And I'll no longer be a Capulet.

Rom. [Aside] Shall I hear more, or shall
I speak at this?

Jul. 'Tis but thy name that is my enemy;
Thou art thyself, though not a Montague.
What's Montague? It is nor hand, nor foot,
Nor arm, nor face, nor any other part
Belonging to a man. O, be some other name!
What's in a name? That which we call a rose
By any other name would smell as sweet;
So Romeo, would, were he not Romeo call'd.
Retain that dear perfection which he owes
Without that title. Romeo, doff thy name;
And for thy name, which is no part of thee,
Take myself.

(SHAKESPEARE, 1970 :912)

“Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos”. (GUIMARÃES ROSA)

O HOMEM MÁQUINA



Von Fritz Lang

POÉTICA

“Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada
e na primeira esquina passa um caminhão,

Salpica-lhe o paletó de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as meninas, as estrelas alfas, as virgens
cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.”

(MANUEL BANDEIRA)



Tarsila do Amaral

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado”.

(Manuel Bandeira)



Cândido Portinari

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(MANUEL BANDEIRA)



Salvador Dalí

POEMA DO BECO

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
O que eu vejo é o beco.

(Manuel Bandeira)

“Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia por ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo”.

(Guimarães Rosa)

